

ISSN 1413 - 4632

BOLETIM DA



**SOCIEDADE
RORSCHACH
DE SÃO PAULO**

Órgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo
Vol. IX, nº 1 - Publicação Anual Jan. — Dez. / 1996 / Jan. — Dez. / 1997

**BOLETIM
DA**

**SOCIEDADE
RORSCHACH
DE SÃO PAULO**

Órgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo
Vol. IX, nº 1 - Publicação Anual Jan. — Dez. / 1996 / Jan. — Dez. / 1997

EXPEDIENTE

RESPONSÁVEL

HILDA CLOTILDE PENTEADO MORANA

COMISSÃO EDITORIAL

MARIA HELENA C. DE FIGUEIREDO STEINER

RUY B. MENDES FILHO

FONTES DE REFERÊNCIA E INDEXAÇÃO

LILACS - LITERATURA LATINO-AMERICANA EM
CIÊNCIAS DA SAÚDE

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA SOCIEDADE RORSCHACH
DE SÃO PAULO

RUA ITAPEVA, Nº 490 - 7º ANDAR - CJ. 74 - FONE E FAX:
(011) 289 - 2067

PRODUÇÃO GRÁFICA

CAN - Edição Eletrônica
(011) 571 - 5726

RUBI EDITORA

R. BENJAMIN CONSTANT, 166 - 01005-000 - SÃO PAULO - CAPITAL
TEL.: (011) 606 - 7421 - FAX, (011) 604 - 8999

DIRETÓRIA DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

PRESIDENTE

LÚCIA M. S. COELHO

Mestra em Filosofia das Ciências e Doutora em Ciências Médicas

VICE-PRESIDENTE

HILDA CLOTILDE PENTEADO MORANA

Especialista em Psiquiatria e Mestra em Psicologia Clínica

PRIMEIRO SECRETÁRIO

GISELLE PÉTRI

Psicóloga

SEGUNDO SECRETÁRIO

VANDA CIANGA RAMIRO

Psicóloga

TESOUREIRA

NORMA MARTINO MAGOLBO

Especialista em Psiquiatria

COMISSÃO CIENTÍFICA

MARIA CRISTINA B. MACIEL PELLINI

Psicóloga

ROBERTO FAZZANI NETO

Especialista em Psiquiatria e Mestre em Psicologia Social

LÚCIA MARIA ROSA CRUZ COSTA

Mestra em Psicologia

COMISSÃO EDITORIAL

MARIA HELENA C. DE FIGUEIREDO STEINER

Doutora em Psicologia. Profª. Associada da Universidade de S. Paulo

RUY BENEDICTO MENDES FILHO

Especialista em Psiquiatria e Mestre em Psicologia Clínica

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

GISELLE PÉTRI

Psicóloga

FLÁVIA CHAMMAS

Psicóloga

COORDENADORA DE CURSOS

LÚCIA MARIA ROSA CRUZ COSTA

Mestra em Psicologia

EDITORIAL

Com este número do Boletim, encerram-se as atividades da Diretoria atual da SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO, que tivemos a honra de presidir.

No primeiro ano desta gestão, procuramos equilibrar as finanças e despesas administrativas da Sociedade e, com algum esforço, pudemos manter os mesmos valores da mensalidade dos alunos e da anuidade dos associados. Isto foi relevante para todos, considerando-se o contexto econômico de nossa realidade.

A SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO participou ativamente do XV INTERNATIONAL CONGRESS OF RORSCHACH & PROJECTIVE METHODS, na cidade de Boston, E.U.A., realizado em Julho de 1996.

Vários trabalhos de membros da Diretoria, do Corpo Docente, e de nossos associados foram apresentados. Como nota dominante deste Congresso, a despertar discussões e inflamar os ânimos, verificou-se a temática sobre duas tendências contemporâneas do método de RORSCHACH.

Simpatizantes da utilização da prova como recurso psicossométrico opuseram-se, em clima acalorado de congresso, aos que a defendem como instrumento interpretativo, ou sistemático, para o estudo da personalidade.

Além disto, foi evidente o jogo de tensões em conflitos de caráter quase político, que marcou as decisões dos delegados do mundo, no tocante à legitimação e à representatividade das diversas sociedades existentes, junto à SOCIEDADE INTERNACIONAL DE RORSCHACH.

Nossa Sociedade passa a ter participação na DIRETORIA da SOCIEDADE INTERNACIONAL DE RORSCHACH, através de ocupação do cargo de Member at Large. Isto ampliará as possibilidades de, juntamente com outros associados, amigos e colaboradores de nossa Sociedade, divulgarmos as nossas realizações, em nível internacional.

A SOCIEDADE RORSCHACH vem organizando seu acervo de publicações, em livros e periódicos, através da constituição de um banco de dados que, segundo nossa perspectiva, facilitará muito a pesquisa bibliográfica para investigações no domínio do Rorschach, para todos os nossos associados.

A atual DIRETORIA empenhou-se em melhorar a sede de nossa SOCIEDADE, tornando suas salas mais agradáveis e propícias às atividades didáticas. Doações realizadas por associados e amigos, que mantém contato freqüente com a SOCIEDADE, contribuíram para com este aprimoramento.

O BOLETIM DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO terá seu próximo número, consagrado pelo IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia com o nº de ISSN 1413 - 4632. Os trabalhos apresentados neste próximo número serão de relevância para o aprimoramento no Método de Rorschach. Neste número, inicia-se a apresentação de trabalhos de eminentes associados e colaboradores de nossa Sociedade, realizados no passado e cujo interesse ultrapassa o plano histórico, pela riqueza de concepções e espírito de investigação. O Boletim apresentará, como início desta série, um trabalho do Dr. Roberto B. Tomchinsky, ilustre colaborador da Sociedade Rorschach de São Paulo. A iniciativa de publicação é também justa homenagem aos nossos precursores.

Os cursos regulares tiveram o seu prosseguimento, após a reformulação de nosso quadro docente, e o número de nossos alunos cresceu bastante, nos dois últimos anos. A modificação de critérios para o terceiro ano do curso de especialização que, de início, despertou preocupações, foi bem recebida pelos próprios alunos, no decorrer deste ano letivo.

A SOCIEDADE empreendeu também módulos teóricos, de supervisão em grau adiantado, pela professora LÚCIA COELHO, e de temas de PSICOPATOLOGIA, coordenados pelo professor RUY B. MENDES FILHO.

A atual DIRETORIA orgulha-se em deixar uma SOCIEDADE mais organizada, forte e pronta, agora, para desenvolver outros projetos, há muito almejados, como o de desenvolvimento de linhas de investigação específica e multidisciplinar. Isto dependerá, é claro, da vontade de participação de todos os que se alinham no interesse comum de não apenas divulgar, mas também aprimorar cientificamente o valioso instrumento que nos foi legado por HERMANN RORSCHACH e enriquecido pela sistemática de ANIBAL SILVEIRA.

Hilda Clotilde Penteadó Morana

ÍNDICE

BREVE HISTÓRICO DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO - <i>Maria Helena C. de Figueiredo Steiner</i>	9
ANÁLISE DE MECANISMOS PERCEPTUAIS E ASSOCIATIVOS - Observados em Pacientes com Bulimia e Anorexia - <i>Dra. Lúcia Coelho e Lic: Simone Brunhani</i>	12
REAÇÕES À PRANCHA IX DE RORSCHACH COMO REPERCUSSÃO DE CONFLITOS CONJUGAIS E PATERNOS CONSCIENTES - <i>Roberto B. Tomchinsky</i>	25
VARIANTES DO TRANSTORNO ANTI-SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES EM PERÍCIA - Uma Contribuição ao Estudo do Problema dos Transtornos da Personalidade - <i>Hilda C. P. Morana, M. Adelaide F. Caires, Sheila R. C. Martins</i>	29
CONSCIÊNCIA: IMAGEM E SIGNIFICADO - <i>Ruy B. Mendes Filho</i>	66
TRAÇOS DE PERSONALIDADE DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE PSICOLOGIA - <i>Ana Maria T. Benevides Pereira</i>	89
NOTICIÁRIO	100

BIBLIOGRAFIA

- BOHM, E.** - Manual del psicodiagnóstico de RORSCHACH. Ed. Morata,
Books - Primeira Ed. 1953- Sexta Ed. 1957 - Madrid .
- CASTILHO, S.M., GONÇALVES, S.B., LEITE, M.C., SEGAL, A., CORDÁS, T.A.**
- Bulimia Nervosa III - Transtornos e avaliação de personalidade em
pacientes com bulimia nervosa. In. J.bras.Psiq. 44 (supl. 1) S32-S37 .
São Paul - out./1995.
- COELHO, L.** - Imagens da Memória: na prova de Rorschach e na obra de Proust
- Imaginário USP no. 2 - pp. 47-62 - São Paulo.
- MUCHELLI, R.**- La Dinamique du Rorschach. Ed. PUF - Paris 1968. .
- PASSALACQUA, A., GRAVENHORST, M.C.,** - Los fenomenos especiales en
Rorschach - Ed. CEA - Buenos Aires - 1993.
- PIOTROWISKY, Z.** - Perceptanalysis. Ed. Macmillan, New York 1957.
- SCHACHTEL, E.** - Experiential Foundations of Rorschach's Test. Ed. Basic.
Books, New York 1966.
- SILVEIRA, A.** - "Impulsiveness and Ways of Mastering it. Rorschach Data with
100 Adults". Rorschach Proceedings. Ed. Bern, Huber, pp. 479 - 93 -
Londres 1970.
- SILVEIRA, A.** "Método de Rorschach: Terminologia e Critério".In: Arquivos de
Assistências a Psicopatas, n° 27 pp. 5-57, São Paulo 1963.

O mecanismo de bloqueio associativo prevalece neste grupo, sendo que dos protocolos em que ocorreu, ele aparece associado a pelo menos um outro mecanismo da categoria I.

II - Distúrbios da identidade subjetiva

- Ref. Ex. - 11 protocolos (32%) com intensidade relativa 1,4.
- Fragm+LIM - 17 protocolos (50%) com intensidade relativa 2,4.
- Ref. Tam. - 11 protocolos (32%) com intensidade relativa 2,4.

Embora os três conjuntos de mecanismos ocorram com frequência significativa neste grupo de pacientes, sobretudo considerando que os dois últimos muito raramente são assinalados em protocolos normais, a fragmentação das imagens humanas e animais e a falta de limites interno-externo, parecem caracterizar estes pacientes. E 65% (11 casos) dos protocolos com Fragm+LIM foi assinalado a associação com pelo menos um outro mecanismo do item II, acrescendo a sua implicação diagnóstica. Além disto, em 68% dos protocolos (23 casos) foi assinalado pelo menos um dos mecanismos da II categoria.

III - Distúrbios na expressão afetiva

- A.V. - 13 protocolos (38%) com intensidade relativa 1,2.
- Cond. - 26 protocolos (76%) com intensidade relativa 2,2.
- Cro - 12 protocolos (35%) com intensidade relativa 1,5.
- Fab. - 16 protocolos (47%) com intensidade relativa 2,1.

A incidência destes mecanismos foi igualmente significativa, sobressaindo o mecanismo de condensação e sincretismo das imagens, que ocorre em 76% dos protocolos, duas vezes em cada um deles. Em 85% (22 casos) dos protocolos com Cond. foi assinalado a associação com pelo menos um outro mecanismo do item III.

E, em 88% dos protocolos (30 casos) ocorreu pelo menos um destes mecanismos da categoria III, indicando alteração característica dos processos de integração e expressão dos afetos.

O confronto dos resultados relativos às três categorias de mecanismos evidencia a ocorrência conjunta, nestes pacientes, de distúrbios neuróticos associados a alterações psicóticas ligadas a identidade somática e subjetiva. Após a análise dos demais fatores do psicograma permitirá esclarecer este dinamismo, caracterizando as alterações psíquicas básicas destes pacientes.

ou intenções em figuras humanas, freqüentemente em rostos, ou mesmo em figuras animais.

Não ocorrem exclusivamente em respostas cinestésicas, podendo indicar atribuição subjetiva de sentimentos ou intenções na observação do comportamento alheio; mais do que expressão própria afetividade.

Bohm refere que este mecanismo foi constatado, pela primeira vez por Guirldham (1935) e ulteriormente adotado por outros rorschachistas. Este autor designou como "essential quality emotional" ou EQA, a projeção de expressões mímicas em figuras humanas, e segundo ele, este mecanismo é freqüente em indivíduos com talento artístico.

Merey e Nizer (1947), assim como Passalacqua e Gravenhorst (1988), interpretam a presença de FAB com conteúdos de ameaça, como indicativa de traços paranóides.

Basicamente consideramos FAB como resultante da atribuição subjetiva e arbitrária de sentimentos e intenções ao comportamento alheio.

EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS

Considerando que a ocorrência destes mecanismos em um protocolo já é suficiente para levantarmos as hipóteses interpretativas referidas anteriormente, as quais deverão ser confrontadas com os demais fatores do psicograma, efetuamos levantamento destes dados em cada um dos protocolos de nosso grupo de estudos.

Este grupo compõem-se de 34 mulheres com idade variando entre 18 e 30 anos com o diagnóstico de anorexia ou bulimia, submetidas a tratamento no AMBULIM.

A ocorrência dos mecanismos em cada um dos tipos de alterações por eles reveladas, e a intensidade com que ocorrem em cada protocolo, foi a seguinte:

I - Distúrbios Cognitivos:

- POS e N^o - 8 protocolos (23%) com intensidade relativa de 1,8 - isto é, praticamente duas ocorrências em cada destes casos.

- S.Disp - 2 protocolos (6%) com intensidade relativa 1.

- SIM - 5 protocolos (15%) com intensidade relativa 1,2.

- Bloqueio - 11 protocolos (32%) com intensidade relativa 1,2.

Em 18 protocolos (53%) foi encontrado pelo menos um destes mecanismos.

A interpretação de Bohm sobre este mecanismo coincide com aquele do outro autor norte-americano. O que nos parece evidente é a rejeição do probando em expressar seus afetos, ainda que este tenha sido mobilizado durante o processo associativo na produção de resposta cromática.

O mecanismo de "referência ao vermelho" ocorre nas pranchas II e III, cujos estímulos mobilizam de preferência os impulsos afetivos primários, conforme constatou Silveira (1968) ao construir o seu índice de impulsividade.

Para Bohm, a "atração ao vermelho" consisti um mecanismo oposto ao "choque cromático"(ChC). Mas este autor, considera "choque" sempre que ocorra uma diminuição das respostas nas pranchas cromáticas .

Apesar de considerarmos este critério como insuficiente para assinalar um fenômeno tão grave como o ChC, concordamos, com base na avaliação do índice Imp, com a interpretação de Bohm do mecanismo Ref.V.: "habitualmente (...) aparece em combinação com outros sintomas, como típico ingrediente do caráter impulsivo". E, neste caso, a ansiedade diante da expressão de impulsos afetivos básicos, expressa pelo ChC, opõe-se à liberação impulsiva dos afetos, indicado pelo Ref: V.

A interpretação deste mecanismo como indicador de impulsividade, foi confirmada por Fazzani (1994) em sua tese de mestrado sobre Rorschach de indivíduos que haviam cometido crimes violentos. Nesta população ele encontrou este mecanismo, associado a outros fatores da prova, indicativos de elevada impulsividade.

Como Fazzani, não apenas registramos a presença de Ref. V. quando ocorre aumento de respostas aos estímulos das pranchas II e III. mas sobretudo o fazemos quando o probando apenas menciona a presença do vermelho, sem conseguir utilizá-lo em sua resposta.

Em todas estas modalidades de CRO, a presença do estímulo colorido provoca no probando uma reação afetiva imediata, não controlada pelos processos conativos ou cognitivos, revelando incapacidade de integração e expressão dos sentimentos nas relações interpessoais.

Mecanismo Fabulação (FAB)

Ainda relacionado à expressão afetiva, o mecanismo de fabulação (FAB) ocorre com certa frequência em protocolos de indivíduos que se deixam levar pela imaginação, projetando emoções ao observarem o comportamento alheio. No Rorschach, este mecanismo se expressa pela atribuição de sentimentos

construção da resposta (R4). Os perceptos integrados por nexos afetivos assumem um significado dinâmico, indicativo de conflitos emocionais específicos do sujeito que os elaborou.

Mecanismos CRO

Dentre os mecanismos que refletem alteração no processamento de estímulos cromáticos (CRO), que mobilizam diretamente a afetividade do probando, destacamos em nosso grupo de pacientes: a cor forçada, nomeação de cor, referência ao vermelho, negação de cor. Decorrem da dificuldade do probando em integrar as experiências afetivas e de expressar de modo harmônico seus sentimentos. Incapaz de integrar a qualidade cromática da mancha à sua estrutura formal (FC ou CF), o probando, apenas a nomeia, ou a nega, ou ainda introduz artificialmente uma razão para sua presença. Por exemplo, na prancha VIII: "Dois ursos (e observando o fato de serem vermelhos) devem estar com raiva, por isto vermelhos".

No caso do probando apenas mencionar as cores: laranja, verde, rosa, não conseguindo integrá-los em uma interpretação, ele expressa labilidade afetiva, liberação impulsiva dos afetos, com deficiência do juízo crítico e da elaboração refletida. A nomeação da cor (nC) é freqüente, segundo Bohm, em protocolos de oligofrênicas, epilépticos e pacientes com lesões cerebrais. Mas o autor observa que em crianças até cinco anos de idade, a sua ocorrência é normal.

Os autores argentinos interpretam este mecanismo como resultante de defesa mágica contra a expressão dos afetos, interferindo no processamento normal do pensamento. Distinguem ainda, com muita pertinência, a Cn de descrição técnica das cores com um matiz intelectual e crítico. Apesar de interpretarem também este mecanismo como resultante de uma defesa contra a expressão dos afetos, reconhecem que ele é comum em protocolos de artistas e intelectuais.

Verificamos que a descrição de cores expressa sensibilidade estética em protocolos cujos índices revelam flexibilidade mental e criatividade.

No mecanismo "negação de cor", o descrito por Piotrowisky como "color denial" (1957), o probando rejeita o fato de ter utilizado o estímulo cromático, apesar da evidência de sua utilização no percepto. por exemplo: na prancha X: (P6) "maçãs, só a forma". Porém esta área além de apresentar a configuração formal de uma maçã também possui a sua cor. Piotrowiski interpreta este mecanismo como traduzindo inibição intencional dos afetos por temor de experimentar decepções no convívio interpessoal.

plano de superioridade ou de inferioridade em relação a si próprio. Incapaz de elaborar uma imagem tridimensional, que exigiria maior esforço construtivo (Ps), e a noção de própria posição no ambiente, o probando percebe os estímulos segundo um ângulo subjetivo, enfatizando a estrutura distorcida da imagem, concebida como bidimensional.

Assim por exemplo, na prancha IV: "Um homem imenso, visto de baixo para cima, com pés enormes (P6), cabeça (P3) e braços pequenos (P4). Estou olhando de baixo e ele parece muito grande". Ainda que a elaboração formal do percepto seja adequada, o fato do examinado participar da imagem percebida, adotando um ângulo de visão de baixo para cima, sugere seu sentimento de inferioridade, nas relações interpessoais.

De modo semelhante, a visão de uma cena distante, mas não concebida como plano tridimensional, ou de uma imagem reduzida devido ao fato do probando colocar-se na situação, como distante, ou como acima do objeto percebido, reflete o sentimento subjetivo de afastamento, ou de superioridade em seu relacionamento com o ambiente. No cinema, a câmara subjetiva provoca no espectador sentimentos desta ordem.

Mecanismo de Condensação e Elaboração (Cond.)

Estes mecanismos sincréticos decorrem da combinação arbitrária e subjetiva de diferentes imagens percebidas. Estes mecanismos caracterizam-se pelo modo irracional e inadequado com que as imagens foram associadas. A inadequação pode decorrer da integração forçada de elementos díspares de um organismo ou de uma cena. Exemplos de Cond. seriam: percepções como "cabeça com pernas", "Homem com cara de inseto", "duas formigas levantando uma chaminé", "fígado dos olhos da serpente". O exemplo mais complexo: "A menina (percebido anteriormente) dando de mamar a uma avestruz".

A alteração intrínseca do trabalho mental consiste no desvio do pensamento lógico devido a interferência de nexos emocionais primários. O significado afetivo prevalece sobre o julgamento da realidade. A condensação e o sincretismo (humano-animal ou humano-objeto), assemelham-se a processo mental que ocorre na elaboração de imagens oníricas, e que também são utilizadas em criações artísticas que enfatizam o irracional, como é o caso da pintura surrealista ou dos quadros de Bosch.

Este mecanismo, é designado por Bohm como "combinação confabulatória", é freqüente em protocolos de neuróticos, onde o valor afetivo atribuído á imagem impede o exercício do pensamento lógico para a

mecanismo aparece de modo atenuado, com a referência da impressão de que a imagem humana (ou animal) percebida, acha-se aberta pela metade, ou dividida ao meio.

Este mecanismo indica profunda dissociação da imagem somática, sendo encontrado em esquizofrênico, e também assinalado, em protocolos de pacientes com alterações básicas de identidade subjetiva.

O mecanismo que indica falta de limites entre os órgãos internos e a aparência externa de uma imagem humana (ou animal), é freqüentemente observado em desenhos infantis, mas também em pacientes psicóticos. Designamos este mecanismo como "falta de limites na percepção corporal (LIM)". Como no mecanismo anterior, em adultos, ele revela de profundos distúrbios da percepção subjetiva do próprio corpo.

Mecanismo Referência ao Tamanho (Ref.Tam.)

Este mecanismo implica na impressão proprioceptiva de força, peso, fragilidade, tamanho, espessura, que é referida como qualidade específica de uma estrutura formal ou de um ser vivo. Comum em protocolos de crianças pequenas, no adulto, este mecanismo traduz auto-percepção subjetiva de insegurança, ou quando projetada em figuras ou objetos externos, ele indica sentimento de impotência e fragilidade diante da força e poder exercidos contra si mesmo. Passalacqua e Grovenhorst, que adotam um ponto de vista psicanalítico, referem que este mecanismo é freqüente em depressivos, associando-se por vezes a condutas auto-destrutivas. Para estes autores, Ref.Tam. traduz sentimento de carga densa e pesada sobre si, em um ego frágil e incapaz de suportá-la.

Bohm menciona o fato deste mecanismo ter sido designado pelo neurologista Guirldham como "essential quality asternognostic"(EQA), mas segundo Bohm, esta designação decorre de um equívoco linguístico, pois o "a" indica negação, e o correto seria: "essential quality sternognostic". Preferimos designar o mecanismo a partir de uma de suas expressões mais correntes (observação do tamanho).

GRUPO 3 - DISTÚRBIOS NA EXPRESSÃO E NA INTEGRAÇÃO AFETIVA DOS SENTIMENTOS

Ângulo de Visão (A.V.)

O mecanismo de ângulo de Visão (A.V.) ocorre quando o probando examina as manchas sob um prisma pessoal, colocando-se especialmente em relação à imagem percebida. Assim, como uma câmara de cinematográfica, o probando coloca-se acima, ou abaixo da imagem percebida, avaliando-a segundo um

Estes mecanismos resultam de graus diversos de alteração do processo do pensamento. Ambos decorrem de uma intensa repercussão emocional, de natureza disfórica ou acompanhada de reação ansiosa, afetando o processamento cognitivo das experiências. Muitas vezes o probando expressa verbalmente seu mal estar emocional, evitando o estímulo ou fornecendo associações de conteúdo afetivo primário da má qualidade formal, ou mesmo sem estruturação dos limites formais (R1).

Nestes cinco mecanismos, observa-se alteração na observação abstrata dos eventos e dificuldade de intervir de modo espontâneo e flexível nas condições do ambiente, especialmente em situações novas e mal definidas.

GRUPO 2 - ALTERAÇÕES DA IMAGEM CORPORAL E DE IDENTIDADE SUBJETIVA

Mecanismo Referência ao Eixo (Ref. Ex.)

O probando utiliza a linha central vertical da mancha, como referência à suas associações aos estímulos ambíguos do Rorschach. Este mecanismo ocorre sempre que houver menção reiterada da existência de um eixo, ou linha central, nas diferentes pranchas, podendo ou não elaborar suas respostas em função de sua existência. Como por exemplo: "A linha central sempre me faz pensar em coluna vertebral que sustenta o organismo". Ou, como ocorrência de uma expressão mais abstrata: "Do centro vem uma força que mantém ligados todos os elementos".

Esta noção de linha central de sustentação acompanha-se de uma sensação motora de firmeza e estabilidade. A Ref. Ex. traduz a imagem subjetiva da falta de integração e de firmeza em si mesmo, e a busca afetiva de estabilidade e segurança. Este mecanismo é freqüente em protocolo de neuróticos obsessivos e em psicóticos, podendo ainda ser assinalado em protocolos de pacientes com lesão cerebral.

Mecanismo de Fragmentação (Fragm)

Este foi estudado especialmente por Minkowska (1956) que o considera como patognomônicos de esquizofrenia, em oposição à mecanismos como o de ligação (lien), freqüentes em epilépticos. Designou este mecanismo como Spaltung (em inglês, splitting). A Fragm. ocorre quando uma imagem, animal ou humana, for percebida de modo fragmentado: tronco, membros inferiores e superiores, cabeça, nariz, boca, distribuídos aleatoriamente. Por vezes, este

O mecanismo consiste no empenho do probando em impor uma integração, ainda que arbitrária, elaborando uma imagem cujos limites são mal definidos e a estruturação formal de má qualidade, ou então, tecendo comentários críticos sobre o modo com que as manchas acham-se dispostas na prancha, sem conseguir encontrar qualquer significado unificador.

A sensibilidade à dispersão decorre da necessidade do probando de encontrar um significado genérico a elementos díspares do meio externo para nele poder atuar. Expressa excesso de cautela na interação com a realidade, com dificuldade de abstração e relutância em tomar uma decisão diante de situações novas ou ambíguas.

Simetria (SIM)

Dinamismo semelhante ao anterior ocorre no mecanismo SIM, mas neste caso, o probando sente necessidade de encontrar ordem e estabilidade nas condições externas para com elas poder interagir, revelando reduzida flexibilidade na elaboração das experiências.

A "simetria" pode ocorrer, de modo atenuado, em protocolos de indivíduos normais mas inseguros e pouco espontâneos. A "simetria" consiste na busca insistente de uma simetria perfeita das manchas. O examinando observa cada detalhe de um lado da mancha e compara-o com o detalhe correspondente, do outro lado.

Apenas consideramos SIM quando após o probando ter mencionado o caráter simétrico das manchas, buscar, nas pranchas seguintes a confirmação desta simetria.

Não utilizamos um critério meramente quantitativo, como fazem alguns autores ao estabelecer um número mínimo de ocorrências da referência à simetria dos estímulos. Para nós, o mais importante é a expressão qualitativa da busca atenta da simetria dos estímulos, antes da formulação de uma resposta.

Bloqueio Associativo (Rej. ou Inib.)

O bloqueio, ou rejeição do processo associativo, consiste na impossibilidade do examinando fornecer qualquer resposta aos estímulos do Rorschach, mesmo após a rerepresentação ulterior da prancha rejeitada. A inibição consiste na alteração quantitativa, ou qualitativa, das respostas a uma determinada prancha.

GRUPO 1 - ALTERAÇÕES COGNITIVAS

Posição e Número

Ambos os mecanismos foram considerados por Piotrowski (1957) como patognomônicos de esquizofrenia. Entretanto, Silveira (1963) faz a ressalva de que eles podem ocorrer, ainda que raramente, em protocolos de indivíduos normais, uma vez que exprimem o predomínio do subjetivismo no processo associativo.

No mecanismo POS o percepto baseia-se exclusivamente na disposição da área selecionada em relação ao estímulo global. No caso, a observação abstrata afasta-se dos padrões concretos da realidade, obedecendo a um critério irracional que escapa ao raciocínio lógico.

Assim, por exemplo, uma resposta dada à área central da prancha III (P₃): "coração" - na qual o probando considera que a relação espacial do coração no corpo é da mesma ordem que a relação entre o pormenor central e a mancha lateral, percebida como corpo. Neste caso, a percepção do "coração", baseia-se apenas no fato da mancha encontrar-se na posição central do corpo.

O mecanismo N^o também decorre da alteração da observação abstrata, mas no caso referente à noção de quantidade, independentemente da consideração das características formais dos estímulos.

Este mecanismo pode surgir de modo atenuado, como mera quantificação dos elementos das áreas que compõem as diferentes pranchas. Por exemplo, na prancha I: "Quatro Triângulos" (Espaços centrais). Mais grave é sua ocorrência, onde o número de elementos passa a dar significado ao percepto: Por exemplo, na prancha III: "Uma família" - onde os cinzas laterais (P₁) são percebidos como pais e o elemento central, inferior (P₇) como filho. O número três provocou a associação "família" sem que o probando fosse capaz de identificar formas humanas. Certamente nesta resposta também contribui a posição central da mancha, designada como filho.

Sensibilidade à Dispersão

O mecanismo S. Disp. aparece com maior frequência na prancha X, onde os estímulos encontram-se dispersos em áreas distintas, dificultando a formulação de um conceito único que abranja a totalidade dos estímulos.

Apenas serão examinados aqueles mecanismos que forem assinalados com maior frequência nos protocolos de pacientes com anorexia e bulimia.

Baseado no modelo de Silveira, utilizamos ainda, como critério referencial, a análise cognitivista dos processos psíquicos para a interpretação do tipo de tratamento da informação em causa em cada um dos mecanismos subjacentes aos fatores formais das respostas à prova de Rorschach.

Mecanismos observados em protocolos de Anoréxicos e Bulímicos

Os mecanismos mais frequentes nestes protocolos foram reunidos em três grupos distintos, em função da natureza básica dos distúrbios que eles expressam:

1. Distúrbios na apreensão e processamento cognitivo da realidade.

Posição (Pos)

Número (N°)

Sensibilidade à dispersão (S.Disp.)

Simetria (SIM)

Bloqueio (Rej. ou Inib.)

2. Distúrbios na construção da noção da imagem corporal e da identidade subjetiva.

Referência ao eixo (Ref. Ex.)

Fragmentação (Fragm.) e Falta de limites (LIM)

Referência ao Tamanho (Ref. Tam.)

3. Distúrbios na expressão e na integração afetiva dos sentimentos

Ângulo de Visão (A.V.)

Condensação e elaboração sincrética (Cond.)

Alterações Cromáticas (Cro)

Fabulação (Fab.)

Os protocolos de Rorschach que serão examinados neste trabalho, fazem parte de uma pesquisa mais ampla do AMBULIM sobre os processos psíquicos observados nestes pacientes.

Mecanismos inusuais no processamento de estímulo do Rorschach

A elaboração das manchas do Rorschach, que reúnem em si as propriedades perceptuais dos estímulos externos (cor, luminosidade, perspectiva, movimento e distribuição espacial) é avaliada e codificada pelo examinador em termos de classificação formal da resposta.

No trabalho mental exercido pelo probando intervêm processos psíquicos de diferentes ordens (cognitivos, emocionais, conativos) dando origem a diferentes tipos de imagens mentais (R₁ à R₆), por nós analisadas em um trabalho anterior (Coelho, 1995).

Mas aqui, apenas examinaremos os mecanismos que interferem, ou participam, na construção das imagens mas que não constituam fatores formais da prova passíveis de serem classificadas como respostas. Estes mecanismos, já referidos por H. Rorschach (1932), foram sistematizados pela primeira vez por E. Bohm (1953) que os denominou “fenômenos especiais”. Mais tarde, autores como Silveira (1963), Schachtel (1966) e Muchielli (1968), examinaram a ocorrência destes fenômenos à luz de diferentes modelos teóricos do psiquismo humano.

Mais recentemente, autores argentinos, Passalacqua e Gravenhorst (1988), voltam a insistir sobre a importância dos fenômenos especiais: “Nossa intenção é, em princípio, revalorizá-los, porque acreditamos em seu grande valor diagnóstico, sobretudo em determinadas patologias, não apenas confirmando aquilo que foi obtido através da análise estrutural e dinâmica da prova, como também constituindo, em muitos casos, os elementos fundamentais para a determinação do quadro nosológico, e ainda, para o estabelecimento de diagnósticos diferenciais”. (Ibid, pg. 7). De fato, pesquisas desenvolvidas na Sociedade Rorschach de São Paulo vêm comprovando a importância da análise destes mecanismos para o esclarecimento de processos psíquicos, normais e patológicos, atuantes no trabalho mental do probando, durante a realização da prova. Além disso, acha-se em curso uma pesquisa coordenada por Morana, sobre a evolução da atividade psíquica em crianças de 4 à 9 anos de idade, que ressalta, nestes protocolos de Rorschach, a ocorrência de mecanismos diversos, ou com diferente intensidade, em cada faixa etária.

ANÁLISE DE MECANISMOS PERCEPTUAIS E ASSOCIATIVOS

Observados em Pacientes com Bulimia e Anorexia

Dra. Lúcia Coelho¹ e Lic. Simone Brunhani²

Introdução

Os transtornos alimentares, diagnosticados atualmente como anorexia nervosa e bulimia nervosa, apesar de já constarem em relatos medievais, apenas foram objeto de descrição médica nos finais do século XIX.

Atualmente este quadro clínico acha-se incluído no "Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders", em sua quarta edição (DSM IV), formulada pela Associação Psiquiátrica Americana, e adotada em nosso país. O critério diagnóstico é de ordem meramente empírica e descritiva, não se apoiando em qualquer modelo teórico.

Nestes últimos 40 anos, o número de diagnósticos de pacientes com anorexia e bulimia vem aumentando consideravelmente, tanto nos EUA como na Europa Ocidental. Os dados revelam que aproximadamente 90% dos pacientes são do sexo feminino, com maior frequência daqueles que pertencem às classes sociais mais elevadas.

No Brasil, apesar da ausência de pesquisas epidemiológicas realizadas neste campo, alguns relatos clínicos sugerem o aumento da prevalência destes distúrbios.

O ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares (Ambulim), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da USP, coordenado pelo Dr. Taki Cordás, vem, desde 1992, desenvolvendo atividades de assistência, ensino e pesquisa neste campo. Grande número de pacientes são internados e recebem cuidados segundo um programa multidisciplinar de tratamento. Tem-se observado neste ambulatório, um aumento anual de 20% na procura de tratamento.

¹ Doutora em Ciências Médicas Faculdade de Medicina Universidade de São Paulo

² Licenciada em Psicologia pela Universidade de São Paulo

Após a morte de Aníbal Silveira, em 1979, os estatutos foram mais uma vez discutidos e registrados oficialmente, com várias ampliações estruturais. As atividades didáticas, de pesquisa e de divulgação nunca sofreram solução de continuidade. Além de sua representação nos congressos, a Sociedade organizou o VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach, realizado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, de 29 de julho a 02 de agosto de 1992. A Sociedade organizou também o Primeiro Encontro Brasileiro de Rorschach, em São Paulo, no ano de 1991.

Tendo sido organizado um curso de Especialização no Método de Rorschach, pela Dra Hilda Clotilde Penteado Morana, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 1990, quatro anos após foi fundado, com a participação da Sociedade Rorschach de São Paulo, o Núcleo de Rorschach de Mato Grosso do Sul. Vários outros locais, como Rio Grande do Sul, Pernambuco e Paraná têm mostrado interesse em contar com profissionais da Sociedade Rorschach de São Paulo, para que possam colaborar a nível de especialização. Na Sociedade, são freqüentes os encontros e palestras como parte de suas atividades. Muitos trabalhos têm sido discutidos nessas ocasiões, e publicados, entre os quais ligados às áreas de neuropsicologia e de psiquiatria. Vários ex-alunos e colaboradores da Sociedade Rorschach de São Paulo, elaboraram teses de mestrado e de doutorado, utilizando o método de Rorschach, sistematizado por Anibal Silveira. Dentre estes, podem ser mencionados, entre outros, Lucia Coelho, Latife Yazigi, Lilia M. Piccinelli, Lucia Cruz Costa, Roberto Fazzani Neto.

Vários cursos na área de técnicas projetivas, e de campos correlatos, além do Curso de Rorschach, têm sido ministrados através da Sociedade Rorschach de São Paulo. O curso de Rorschach, que visa à formação no Psicodiagnóstico, tem a duração de três anos e é acompanhado de supervisão dos trabalhos dos alunos.

Quanto ao Boletim, revista da Sociedade Rorschach de São Paulo, continua a ser editado, apresentando contribuições de âmbito nacional e internacional.

Em resumo, nos seus 45 anos de existência, desde os primeiros trabalhos de Anibal Silveira com Rorschach, têm sido crescentes os esforços no sentido de incentivar as pesquisas e formar os alunos num alto nível de utilização do Psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil.

Em 1959 Aníbal Silveira convidou alguns membros da Sociedade Rorschach de São Paulo para a elaboração de seu primeiro estatuto oficial, o que ocorreu na sede da Associação Paulista de Medicina. Os membros que elaboraram o estatuto foram, além de Aníbal Silveira, Antero Barrada Barata, Antonio Miguel Leão Bruno, Cícero Christiniano de Souza, Ibrahim Matias, Isaías Melsohn, Maurício Levy Júnior, Otávio Luiz Barros Salles e Spártaco Vizzoto. Em 1968, a Sociedade Rorschach de São Paulo organizou o Primeiro Encontro do Psicodiagnóstico de Rorschach, coordenado por Luiz Dias Andrade, Fernando Vilemôr Amaral e Lucia S. Coelho. Nessa ocasião foi fundada a ALAR (Associação Latino-Americana de Rorschach), com participantes da Argentina, Uruguai e Peru.

Durante muitos anos, os estatutos aprovados mostravam-se adequados aos objetivos propostos, até 08 de junho de 1972, quando foram analisados e finalmente registrados em Cartório, como instituição de interesse público. Até hoje a Sociedade continua sendo uma organização sem fins lucrativos, aplicando-se a renda de seus cursos para finalidades didáticas, de preservação de seu patrimônio e para publicações especializadas.

É importante lembrar a publicação do trabalho de Aníbal Silveira, realizado para o concurso de Professor Titular na Escola Paulista de Medicina em 1964: "O Método de Rorschach - Elaboração de Protocolos". Esse trabalho foi reeditado e ampliado em 1985. Inúmeros jovens médicos e psicólogos adotaram seu esquema de referência. Classes regulares foram organizadas por Lucia S. Coelho, desde 1966. Antropólogos e sociólogos procuraram também os cursos, incentivando a troca de experiências. Várias pesquisas já haviam sido realizadas com o Psicodiagnóstico com os índios Kaingang (Brasil), pelo etnólogo Herbert Baldus, que contou com a colaboração de Aniela Ginsberg e Cícero Christiano de Souza - membros da Sociedade de Rorschach (publicado em 1953). Alguns nomes da Sociedade, como Lília Muzzio Piccineli (falecida em 1985), Leontina Waack, entre outros, interessaram-se pelas pesquisas nessa área. Outros trabalhos foram publicados e apresentados em Congressos na área de Psicologia Social, como pesquisas sobre a violência e a interação interpessoal.

Muitos outros trabalhos foram elaborados por membros da Sociedade, relacionados a desvios da personalidade, como os de Lucia Coelho, Ruy Benedicto Mendes Filho, Roberto Fazzani Neto, Hilda C.P. Morana, Ana Maria T.B. Pereira e muitos mais. Lucia Coelho esteve na França, Bélgica e Portugal, divulgando a teoria da personalidade de Aníbal Silveira e o método de Rorschach, além de participar do movimento cognitivista.

BREVE HISTÓRICO DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

Maria Helena C. de Figueiredo Steiner¹

A história da Sociedade Rorschach de São Paulo está associada ao nome do renomado psiquiatra e psicólogo Aníbal Silveira, fundador da mesma a 24 de julho de 1952, com os objetivos específicos de ensinar o Psicodiagnóstico de Rorschach, de discussão científica da interpretação de protocolos e de aspectos relacionados à interpretação dos mesmos. Naquela ocasião, apenas alguns psiquiatras ou professores universitários haviam estudado o método de Rorschach, após sua aprendizagem nos Estados Unidos ou na Europa. Os principais profissionais brasileiros, no Brasil desde 1927, foram Ulisses Pernambucano, René Ribeiro, Helena Antipoff, José Leme Lopes e, posteriormente, Luis Cerqueira e Isabel Adrados.

Aníbal Silveira é considerado o nome mais importante na aplicação e desenvolvimento do Psicodiagnóstico no Brasil. Havia aprendido a técnica em Nova York, com o Dr. David M. Levy, discípulo de Oberholzer. Depois disso, manteve por anos contatos estreitos com este psiquiatra, e ainda com Morgenthaler, S. Beck, Rizzo e Z. Piotrowski. Em 1943 publicou a sua primeira sistematização pessoal do teste e, em 1945, organizou o primeiro curso de Rorschach no Hospital do Juqueri, (Franco da Rocha), o hospital psiquiátrico mais importante de São Paulo, na época. Em 1949 o Dr. Aníbal Silveira foi a Zurique a fim de participar do Encontro Internacional de Rorschach, tornando-se, na ocasião, um dos membros responsáveis pela fundação da Sociedade Internacional de Rorschach.

Em 1952 foi como Delegado do Brasil ao 2º Congresso Internacional de Rorschach, em Berna, e depois disso, no mesmo ano, convidou vários médicos e psicólogos para participar da fundação do primeiro Centro de Investigação e de Conferências sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach, afiliado à Sociedade Internacional. Aníbal Silveira tornou-se então conhecido como o principal divulgador do Psicodiagnóstico de Rorschach no Brasil. Em 1953 foi convidado para ensinar Técnicas Projetivas e o Psicodiagnóstico de Rorschach especificamente na Universidade de São Paulo, antes da instalação do curso de Psicologia nessa Universidade em 1958. Na mesma universidade lecionou Psicopatologia e Psicologia Médica.

¹ Professora Associada da Universidade de São Paulo e Membro da Academia Paulista de Psicologia

REAÇÕES À PRANCHA IX DE RORSCHACH COMO REPERCUSSÃO DE CONFLITOS CONJUGAIS E PATERNOS CONSCIENTES ¹

Roberto B. Tomchinsky ^{2,3}

A prancha IX do Psicodiagnóstico de Rorschach, de modo geral, de acordo com Piotrowski, costuma provocar, tanto em grupos de probandos normais como anormais, pelo menos um aumento do tempo de reação. Piotrowski admite mesmo ser raro um choque na prancha IX sem choque simultâneo nas pranchas VI e VII em indivíduos normais, concluindo por uma conotação de ordem sexual definida da referida prancha, que estaria subordinada a ambivalência quanto às relações sexuais de natureza heterossexual. O próprio criador do método, Rorschach, já havia chamado a atenção para a maior dificuldade geralmente encontrada na interpretação desta prancha cromática.

A presente comunicação deve-se a observações que tivemos oportunidade de fazer ao aplicar a prova de Rorschach em grande número de casais. Estes nos foram encaminhados para serem submetidos à prova em razão de conflitos que levavam a situações de incompatibilidade. Vários destes casais avizinham-se já da separação definitiva e as provas foram solicitadas para avaliação mais adequada das respectivas personalidades e possível orientação terapêutica de um ou ambos os cônjuges. O exame mais detido dos protocolos despertou nossa atenção para a quase regularidade do aparecimento de reações anormais ou de choque na prancha IX, em flagrante contraste com um comportamento pelo menos mais adequado nas restantes pranchas cromáticas e, inclusive nas pranchas VI e VII, nas considerações de, Piotrowski. Concomitantemente passamos a verificar reações semelhantes em jovens adolescentes cujos pais se haviam separado ou viviam em manifesta desarmonia.

Queremos frisar que valorizamos apenas aquelas reações que se apresentaram com contraste nítido face ao restante do protocolo, embora na maioria dos casos se evidenciassem também outros fatores de anormalidade ou de divergência em relação à expectativa da média nos seus diferentes graus.

¹ Comunicação apresentada nas Primeiras Jomadas Brasileiras do Psicodiagnóstico de Rorschach - 11 a 14 de Outubro de 1966 - São Paulo.

² Médico Psiquiatra do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo - Hospital Psiquiátrico Distrital Piloto.

³ O Dr. Tomchinsky foi um dos mais antigos colaboradores da Sociedade Rorschach de São Paulo, que pretendeu homenageá-lo com esta publicação póstuma.

As reações anormais ou de choque que nos chamaram a atenção denunciavam de modo evidente uma desorganização do trabalho mental ante a referida prancha, variando de sua natureza de caso para caso.

Este fato torna difícil e mesmo impossível uma avaliação estatística dos tipos de resposta a não ser em número muito grande de protocolos. No entanto, foram verificados com uma regularidade acentuada os aspectos seguintes: aumento do tempo de reação, comentários sobre dificuldades de interpretação da referida prancha, tentativas de rejeição e mesmo rejeição em vários casos.

Os vários tipos de reação anormal ou de choque por nós verificados foram os seguintes:

Quanto às modalidades das repostas: ausência de respostas globais nesta prancha, com tendência maior a respostas de pequenos detalhes ou minúcias. Certa regularidade no aparecimento de repostas de espaço denunciando contradição dos dados da realidade objetivas ou oposição.

Quanto, aos determinantes das associações: acentuada freqüência do não aparecimento de repostas de determinante forma, ou quando presentes, de natureza não classificável em nível estatístico ou mal definidas de acordo com o critério estatístico de Beck. Ausência, na quase totalidade dos casos, de repostas de movimento humano ou de movimento animal, com maior predominância de repostas de movimento inanimado ou de contenção. Aparecimento freqüente de resposta de Perspectiva. Freqüente surgimento de resposta de cor predominando sobre a forma (CF) ou de cor pura (C), e raras repostas de forma-cor (FC). A escala de luminosidade presente em vários casos, mas principalmente em nível subjetivo, isto é, repostas com determinante de tacto ou relevo ou de transparência sem forma, isto é, I ou I'.

Em suma, como traço comum, evidencia-se, acompanhando ou definindo o grau de desorganização do trabalho mental nas referidas reações à prancha IX, a freqüente inadequação ou inibição na capacidade de análise dos dados objetivos (deturpação ou ausência de resposta de determinante forma), com acentuação do grau de subjetivismo (predominância de repostas de determinante não formal).

As áreas de categorias de conteúdo explícito é representada na maioria dos casos por repostas de conteúdo anatômico, abstrato, de natureza ou paisagem e repostas com conteúdo de pormenor animal ou humano, com ausência quase total de repostas de conteúdo humano propriamente dito. No entanto, face à grande quantidade de conteúdos admissíveis, esta área não pode ser levada em conta a não ser considerando-se dados estatísticos em grau maior que nos precedentes.

Estes diversos tipos de reação, no nosso entender, indicam de modo geral a existência de uma situação conflitiva no plano consciente da personalidade, pois, independentemente do clássico choque cromático, põe a descoberto, em grau variado, tendências evasivas, oposição, sentimentos de inferioridade, reações afetivas desordenadas e mesmo agressivas e sinais de ansiedade.

Os diversos tipos de reação mencionados, de modo geral, surgiram em ambos os cônjuges ou pelo menos em um dos cônjuges com maior carga conflitiva, sendo que em cerca de 10 casais verificou-se rejeição total da referida prancha em ambos.

Em vários probandos, muitos ainda jovens, com situação conflitiva paterna ou conseqüente desarmonia no lar, verificamos situações semelhantes, sendo digno de nota um caso em que houve rejeição total da prancha IX no protocolo de duas irmãs de 15 e 17 anos, cujos pais se haviam separados recentemente.

Quer nos parecer, portanto, ou pelo menos torna-se lícito admitir-se que a referida prancha IX de Rorschach põe de manifesto situações conflitivas de natureza não meramente sexual, mas também subordinadas ao processo de comunicação afetivo-emotiva, comprometida em ambos os cônjuges ou em um, como também evidencia repercussão ou existência de conflitos na área paterna.

Julgamos ser válida portanto maior atenção a estes tipos de reação anormal ou de choque na prancha IX pelos que aplicam o método de Rorschach, afim de se avaliar em nível estatístico a validade e conotações psicológicas destes aspectos, no contexto geral do método projetivo.

As observações da presente comunicação foram feitas em 42 casos assim distribuídos: 10 casais, 8 adultos casados com conflitos conjugais, 8 adolescentes e 6 adultos jovens com conflitos na área familiar.

Quer nos parecer que tais modos de reação estariam subordinados à estrutura peculiar da prancha IX, caracterizada por elementos que estimulam os fatores conflitivos situacionais ou subjacentes representados por hostilidade, oposição e ausência de comunicação afetiva.

RESUMO

O autor refere suas observações relacionadas a uma reação peculiar à prancha IX do Psicodiagnóstico de Rorschach em probandos com conflitos conjugais ou paternos. As reações foram verificadas em 42 casos, sendo 10 casais, 8 adultos casados com conflitos conjugais, 8 adolescentes e 6 adultos jovens com conflitos na área familiar. Em 8 casais e em certo número dos casos verificou-se rejeição total da prancha IX. Descreve algumas características das reações anormais ou de choque encontradas, que seriam provocadas pela estrutura particular da prancha IX. O autor considera necessários dados estatísticos e posterior avaliação destas observações, principalmente na área de comunicação afetiva.

REFERÊNCIAS

- BECK, S. J. - Rorschach's Test. Vol. I Basic processes, Grune & Stratton - New York, 1950
- PIOTROWSKI, Z. A. - Perceptanalysis - Mac Millan. New York, 1950
- RORSCHACH, H. - Psychodiagnostic - PUF, Paris, 1947
- SILVEIRA, A. - Prova de Rorschach: elaboração do psicograma - Edanee, São Paulo, 1964

VARIANTES DO TRANSTORNO ANTI-SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES EM PERÍCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO PROBLEMA DOS TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE.

Hilda C.P.Morana¹, M.Adelaide F.Caires², Shelia R.C.Martins³

SINOPSE

A seleção de 15 casos, submetidos à perícia psiquiátrica, que preencheram os critérios para Transtorno Anti-social da Personalidade (F60.2, da CID-10 e 301.7, da DSM-IV), evidenciou diferenças marcantes quanto à estrutura mental, o que levou os autores a indagar se tais características representavam apenas peculiaridades individuais ou subtipos do diagnóstico principal. A análise das histórias clínicas e a utilização de uma prova psicológica, como recurso de aprofundamento do estudo da personalidade, permitiu entrever subtipos bem delimitados, para os quais foram mantidas as denominações clássicas da terminologia psiquiátrica: transtorno de instabilidade (7 casos), de perversidade do caráter (5 casos), de explosividade (2 casos) e de astenia (1 caso). Ainda que a análise não tenha merecido tratamento estatístico, por se tratar de estudo qualitativo, representa o início de uma linha de investigações que os autores pretendem retomar, sobre o problema dos transtornos específicos da personalidade. Alguns subtipos (instabilidade; explosividade e astenia) encontram-se em outros itens diagnósticos de transtornos específicos da personalidade, enquanto que a perversidade do caráter está incluída no diagnóstico de Transtorno Anti-social, mas não como critério necessário, já que o procedimento para a caracterização do transtorno inclui seis

¹ Mestra em Psicologia Clínica, Médica Psiquiatra Forense do IMESC

² Psicóloga Forense do IMESC e da Divisão de Neurocirurgia Funcional de Psiquiatria do HC-FMUSP

³ Psicóloga Forense do IMESC e do IML

alternativas, na CID-10, e sete alternativas principais, na DSM-IV com a exigência de pelo menos três para o diagnóstico, o que pode acarretar dispersão em sua especificidade. A análise das histórias de vida e da dinâmica psíquica através da Prova de Rorschach, evidenciou diferenças notáveis entre os transtornos. Para fins epidemiológicos, de perícia e de condutas terapêuticas, os autores consideraram relevantes os dados do presente estudo, especialmente quanto às conseqüências penais e de reabilitação psicossocial dos indivíduos que as apresentam.



I - INTRODUÇÃO

No bloco de F60 -F69 (TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE E DO COMPORTAMENTO EM ADULTOS) da CID-10 (16), merecem destaque os transtornos específicos da personalidade (F60), que correspondem, em linhas gerais, às anteriormente denominadas personalidades psicopáticas.

Estes transtornos, segundo a descrição da CID-10, incluem grande variedade de condições e de padrões de comportamento importantes para a clínica, e são considerados perturbações caracterológicas e comportamentais, estando com freqüência associados a disrupção pessoal e social, como conseqüência da desarmonia afetiva e do descontrole dos impulsos, sendo em geral persistentes e mais ou menos refratários às terapêuticas atuais.

Dentre estes, destaca-se o TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE, caracterizado na CID-10 por: (a) insensibilidade afetiva aos demais; (b) constante e evidente desconsideração por normas, regras e obrigações sociais; (c) instabilidade na manutenção de relacionamentos interpessoais, sem dificuldade para estabelecê-los; (d) acentuada intolerância a frustrações e baixo limiar para respostas agressivas e violentas; (e) incapacidade de vivenciar sentimentos de culpa e de aprender com a experiência, em especial com a punição; (f) propensão para atribuir culpa a outrem e a oferecer racionalizações plausíveis para o seu comportamento social conflitivo. Podem apresentar irritabilidade persistente. A ocorrência de transtorno da conduta na infância ou adolescência apoiam o diagnóstico, ainda que não seja necessária (16).

Na DSM-IV os critérios diagnósticos são mais rigorosos quanto à especificação de faixa etária e à exclusão de transtornos psicóticos, porém correspondem, em linhas gerais, aos exigidos pela CID-10 (2).

Para Cloninger (3) esses traços não seriam limitados a episódios, mas caracterizados por acentuada falta de flexibilidade na conduta e atitudes que restringem o estilo de vida, causando significativo prejuízo social ou do pragmatismo.

O TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE tem sido correlacionado com periculosidade, e ambos os conceitos devem ser considerados com atenção, como salienta PRINS (20), especialmente quando refletimos sobre os critérios diagnósticos exigidos pelas principais classificações atuais.

FELDMAN fazendo referência à comissão Butler assinala: “ Não há dúvida de que grande ansiedade social é despertada pelo sofrimento das vítimas de psicopatas, o que se resume na expressão “*periculosidade*”, definido pela referida comissão como: propensão para causar danos físicos ou psicológicos graves e duradouros”. O termo é reservado aos propensos a repetir o comportamento agressivo (7).

No presente estudo, que reuniu 15 casos diagnosticados como TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE, do Instituto de Medicina Social e de Criminologia do Estado de São Paulo (IMESC), o envolvimento com a Justiça deveu-se a fatos criminais relevantes, em sua maioria, havendo entretanto diferenças marcantes quanto à periculosidade. Este dado, associado a outros que foram encontrados nos documentos periciais, despertou-nos a convicção de que havia não apenas periculosidade diversa, mas também de que estavam em jogo diferenças importantes quanto às personalidades, e que não eram apreendidas através dos critérios diagnósticos vigentes para TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE.

Com efeito, pensamos que nossa questão prende-se ao aspecto destacado por LOPEZ-IBOR JR, quando se refere ao problema da classificação dos transtornos da personalidade. O autor entende que dois princípios devem ser considerados: o prototípico, a exemplo da classificação de KURT SCHNEIDER, amplamente conhecida, e o dimensional, tal como a que se fundamenta em inventários extensos, como o MMPI (14).

De fato, o diagnóstico de TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE, como refere KOLDOBSKY (13), na CID-10 e DSM-IV, pode abranger outras características, que configuram tipos diversos de transtornos da personalidade e, segundo o autor, isto ocorre pela utilização de categorias de especificidade discreta, que não esgotam os diversos aspectos encontrados através do exame clínico, em especial quanto aos dados da história de vida

Por sua vez, FREEMAN destaca que as classificações internacionais fornecem a descrição de “protótipos”, mais do que de categorias discretas com limites precisos e não superpostos (09).

Verifica-se uma tendência entre os estudiosos de Rorschach de orientar as análises dos indivíduos com TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE no sentido de considerarem 2 subtipos dentro de critérios de intensidade de manifestação do transtorno. Os subtipos considerados são: severo e moderado, segundo consideram os seguintes autores, entre outros: Doland, (6), Giacono, (10), Husain (12).

De fato, em nossa apreciação, as classificações discutidas não parecem obedecer nem ao critério prototípico, nem ao dimensional, ainda que incluam aspectos de ambos. Isto é evidente no caso do TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE, em que são perfilados critérios ao mesmo tempo prototípicos (por exemplo, (a) insensibilidade afetiva aos demais), e dimensionais (por exemplo, (c) instabilidade na manutenção de relacionamentos interpessoais, sem dificuldade para estabelecê-los).

A questão parece residir no fato de que a exigência de itens relativos aos critérios diagnósticos é quantitativa (pelo menos três), mas, na realidade, acarreta subtipos muito diversos quanto às expressões clínicas e comportamentais. Sirva de exemplo um caso hipotético de TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE que preencha os critérios (a), (b), e (f) e outro caracterizado por (b), (d) e (f), que claramente indicam no primeiro caso o elemento fundamental de insensibilidade afetiva aliado a desadaptação pessoal e social, enquanto que no segundo, destacam-se a impulsividade, com reações agressivas e a tendência projetiva.

Tais considerações não resultam de especulação teórica, pois justamente através da análise dos casos aqui apresentados, pudemos constatar a relevância destas diferenças. Para agravar ainda mais o problema, decorrem os seguintes aspectos que, a nosso ver, podem dificultar a expressão das perturbações:

1. O transtorno da personalidade pode acompanhar-se de outras características, inclusive cognitivas, que contribuem para modificar sua expressão;
2. O meio ambiente e as características do grupo cultural em que vive o sujeito, que podem interferir quanto a informações precisas sobre as manifestações;
3. Situações determinadas que contribuem para modificar, ainda que temporariamente, a expressão das perturbações.

Devemos destacar, ainda, que apesar do termo TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE ser freqüentemente relacionado ao de PSICOPATIA, mesmo por autores especializados (09), (20), os outros transtornos específicos da personalidade não são, em sentido estrito, menos mórbidos e podem, da mesma forma, implicar tanto periculosidade quanto dificuldades terapêuticas.

Neste sentido, os traços de personalidade, as atitudes ou as variantes de comportamento que são definidos como critérios diagnósticos, deveriam ser considerados em sua dinâmica relativa e interdependente, de tal forma que não

fosse perdido o aspecto essencial a cada um dos tipos de transtornos da personalidade.

Além disto, a especificação dos itens que tornaram possível o diagnóstico deveria ser explícita nas publicações, tanto para fins epidemiológicos quanto clínicos ou periciais.

MENDES FILHO (15), faz a sugestão de que sempre que se fizer o diagnóstico de transtorno da personalidade, sejam transcritos os traços encontrados, de acordo com a codificação da CID-10... "desta forma, a delimitação do transtorno será mais precisa do que o rótulo diagnóstico genérico".

Ao analisar estes itens e correlacioná-los com os dinamismos psíquicos apreendidos através da Prova de Rorschach e inferidos das histórias de vida, encontramos em nossa amostra quatro subtipos de transtornos da personalidade, que não consideramos apenas como resultado de peculiaridades individuais, mas como variantes definidas, respectivamente, pela *instabilidade* (perturbação da capacidade de manutenção de propósitos e intenções), pela *perversidade do caráter* (insensibilidade afetiva aos demais e sentimentos deficitários relativos à alteridade), pela *explosividade* (descontrole impulsivo intenso, com liberação de violência) e pela *astenia* (deficiente espontaneidade vital). Estas características foram consideradas por SILVEIRA (22) em sua categorização das personalidades psicopáticas e de alguns transtornos parciais da personalidade, e estão presentes também nas classificações da psiquiatria clássica, desde KRAEPELIN até o expoente SCHNEIDER (21), tendo sido também analisadas em tratados fundamentais, como o de ALONSO-FERNANDEZ (1).

Devemos assinalar que estes aspectos, essencialmente diversos, foram encontrados em diferentes casos, dentre todos os que foram diagnosticados de acordo com a CID-10 e a DSM-IV, como TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE, e não são mutuamente exclusivos.

Entretanto, ressaltamos que as idéias aqui apresentadas, baseadas em fatos clínicos e apoiadas em verificações empíricas, exigem estudos adicionais. Não obstante a sua importância, os dados deverão merecer ainda tratamento estatístico e ampliação.

II - MÉTODO

II. 1 - AMOSTRA

Inicialmente, procedemos à revisão de 60 casos de TRANSTORNO ANTI-SOCIAL DA PERSONALIDADE, examinados no período de 1990 a 1996. Restringimos nossa amostra a 15 casos, nos quais o diagnóstico pode ser estabelecido de acordo com os critérios tanto da CID-10, quanto da DSM-IV. Os casos restantes foram excluídos por não preencherem rigorosamente os critérios das classificações ou por não conterem registros de informações suficientes para a realização deste estudo.

A avaliação pericial de transtornos da personalidade nem sempre permite a obtenção de uma história clínica com dados precisos. Dentre os diversos motivos, destacamos os seguintes: dificuldade para obter informações adicionais de terceiros e de se obter do periciando dados sobre o seu desenvolvimento, pelas circunstâncias de vida e pela própria situação da perícia.

A utilização do método de Rorschach tem sido um recurso no sentido de complementar a avaliação.

A amostra inclui indivíduos do sexo masculino, todos beneficiários da justiça gratuita, com as seguintes características:

Casos	Idade na Ocasão do Exame	Estado Civil	Instrução	Profissão
1	21	solteiro	1º. Grau incompleto	lavrador
2	25	amasiado	1º. Grau incompleto	nenhuma
3	19	solteiro	1º. Grau incompleto	trabalho braçal
4	20	solteiro	1º. Grau incompleto	nenhuma
5	25	solteiro	analfabeto	nenhuma
6	18	solteiro	1º. Grau incompleto	nenhuma
7	32	casado	1º. Grau incompleto	mecânico
8	20	solteiro	1º. Grau incompleto	nenhuma
9	26	casado	1º. Grau completo	sub-empregos
10	27	solteiro	1º. Grau incompleto	pedreiro
11	30	solteiro	Superior incompleto	sub-empregos
12	38	solteiro	1º. Grau incompleto	sub-empregos
13	27	separado	Superior incompleto	nenhuma
14	27	solteiro	1º. Grau incompleto	sub-empregos
15	40	solteiro	1º. Grau incompleto	ajudante de sapataria e marcenaria

II. 2 - INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para a avaliação psiquiátrica foram realizadas entrevistas clínicas e análise das peças processuais. Foram também aplicadas provas de avaliação psicológica pertinentes às implicações de cada caso, assim como avaliações neurológicas e eletroencefalográficas.

A sistematização dos dados clínicos foram comparados com os resultados da Prova de Rorschach.

Neste estudo procedemos a análise qualitativa dos dados, e a verificação da incidência percentual dos achados.

II. 2. 1 - A PROVA DE RORSCHACH

A Prova de Rorschach foi utilizada por nós como recurso complementar, para o estudo da personalidade de nossos examinandos. O método é bastante conhecido, de modo que vamos expor apenas algumas considerações indispensáveis.

Sendo método projetivo, é importante assinalar que o termo não se refere à projeção como funcionamento defensivo, em acepção psicanalítica, mas ao fato de que, ante as pranchas, com manchas pouco definidas, o sujeito aplica toda a sua atividade mental, de tal modo que não apenas se torna possível a análise de suas características de personalidade, como também a consideração de dinamismos psíquicos relativos aos seus padrões cognitivos e afetivo-emocionais. Como foi destacado por COELHO, a prova reveste-se assim de grande valor tanto para a psicologia quanto para a psicopatologia (4). Os resultados conseguidos não são interpretados a partir de pressupostos doutrinários, pois desde seu criador, HERMANN RORSCHACH, a elaboração dos dados tem sido submetida ao crivo de procedimentos estatísticos e de validação diante da possibilidade de desvios culturais ou diferenças pessoais quanto ao grau de instrução e à posição sócio-econômica. Este modo de elaborar a prova obedece a critérios estruturais e sistêmicos, que permitem reduzir a subjetividade de possíveis interpretações baseadas em ilações psicodinâmicas não submetidas à verificação empírica.

Como destacou SILVEIRA, desde a criação da prova, houve a preocupação quanto à comprovação do método; à sua validade e a segurança em seu emprego (22). Através da prova, torna-se acessível a avaliação dos padrões cognitivos de percepção e de ideação, que são comparados aos

dados estabelecidos para populações normais ou mesmo a subgrupos com determinados transtornos mentais. Além disto, as reações peculiares, reveladas através de determinantes como a forma, a cor, a luminosidade e a tridimensionalidade, assim como as respostas de cinestesia, possibilitam analisar de modo consistente as características da vida afetivo-emocional e os padrões de controle dos impulsos. Todos estes aspectos são analisados em conjunto e submetidos à construção de índices, que foram devidamente confrontados em diversas populações.

Deste modo, não utilizamos a Prova de Rorschach como fator exclusivo de diagnóstico psiquiátrico, mas como recurso inestimável para a investigação clínica e a elucidação pericial - sempre tomando os dados de modo relativo e confrontando-os com os demais resultados do exame clínico e da perícia. Neste sentido seguimos com rigor a orientação de SILVEIRA, que apesar de exaltar a riqueza do método para a psiquiatria, não deixou de destacar a impropriedade de seu uso com fins exclusivamente diagnósticos.



II. 3 - APRESENTAÇÃO DOS DADOS CLÍNICOS E PERICIAIS

	CASO 1
Relato do Crime	J. Assassinou com inúmeros golpes de faca, um homem idoso com quem teria discutido em um bar. Cometeu o crime, após tocaia, na proximidade da residência da vítima, e depois tentou esconder-se na mata das redondezas
Ocorrências Clínicas	Déficit visual no olho E, desde o nascimento, não esclarecido. Crises de tremor e queda não esclarecida aos 14 anos
Desenvolvimento	Enurese noturna até os 10 anos de idade
Relacionamento Interpessoal	Habitualmente agressivo. Conhecido por fazer constantes ameaças, andava armado e se envolvia em frequentes atritos
Vida Sexual/Conjugal	Solteiro, não há informações sobre a vida sexual/conjugal
Vida Escolar	3ª série com várias repetições
Vida Profissional	Lavrador, sem outras informações
Uso de Substâncias Psicoativas	Usuário de etílicos (agressivo quando alcoolizado)
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Praticava furtos na vizinhança
Exame Psíquico	Dissimulado à entrevista. Irritabilidade e tendência explosiva. Vida afetiva pouco diferenciada
Delito	HOMICÍDIO
Idade na ocasião do delito	20 anos
CID-10	F60.2: a,b,c,d,e,f
DSM-IV	301.7 - A: 1, 3, 4, 5, 6, 7 +B+C+D

CASO 2	
Relato do Crime	S. Assassinou uma pessoa, auxiliado por outros dois colegas. Teria também, alegando vingança, atentado contra a vida do irmão dessa pessoa, que supostamente teria matado um dos irmão dos que lhe auxiliaram nesse homicídio. Consta ainda que S. teria matado um amigo da vítima, por este ter dado depoimento contra si. S. nega todos os fatos
Ocorrências Clínicas	Crises convulsivas dos 7 aos 18 anos, tendo feito uso de medicação anticonvulsivante. Eletroencefalograma - Conclusão: "sinais de atividade irritativa difusa, durante a hiperpnéia"
Desenvolvimento	Sem intercorrências
Relacionamento Interpessoal	Criança travessa, briguenta, mendigava comida sem necessidade
Vida Sexual/Conjugal	Concubinato, bom relacionamento conjugal, segundo refere
Vida Escolar	5ª série, gazeteava com freqüência
Vida Profissional	Diversas ocupações ocasionais, de curta duração
Uso de Substâncias Psicoativas	Dependência de cannabis, crack e cocaína. Aos 22 anos foi internado por transtorno, não esclarecido, devido ao abuso de drogas
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Acusações anteriores de furto e porte de arma
Exame Psíquico	Apresentou disforia depressiva leve durante o exame, sem outros comprometimentos
Delito	HOMICÍDIO
Idade na ocasião do delito	24 anos
CID-10	F60.2: a, b, d, e, f
DSM-IV	301.7 - A: 1, 3, 4, 5, 6, 7 +B+C+D

CASO 3	
Relato do Crime	E. em co-autoria, cometeu chacina contra quatro menores num terreno baldio, na periferia da cidade de São Paulo. Refere que estava no bar, encontrou um outro rapaz, ambos foram para a casa de um colega, e no caminho assaltaram dois rapazes, levando-os para um terreno baldio, onde os mataram a tiros. Diz-se arrependido dos fatos. E. refere ter envolvimento em outro homicídio, por motivo de brigas de turma
Ocorrências Clínicas	Sem intercorrências
Desenvolvimento	Nada relevante.
Relacionamento Interpessoal	Habitualmente agressivo, envolvendo-se em frequentes atritos
Vida Sexual/Conjugal	Solteiro, sem outros informes
Vida Escolar	5ª série com apenas 1 repetência
Vida Profissional	Diversas ocupações braçais, com inconstância na vida laborativa
Uso de Substâncias Psicoativas	Usuário de cannabis, desde os 15 anos
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Acusação anterior de homicídio por "briga em turma"
Exame Psíquico	Evasivo e ansioso, teme que a entrevista possa vir a deixá-lo mais tempo preso. Impaciente durante o exame. Impulsividade e irritabilidade. Sem evidência de arrependimento
Delito	LATROCÍNIO
Idade na ocasião do delito	17 anos
CID-10	F60.2: a, b, d, e
DSM-IV	301.7 - A: 1, 3, 4, 5, 6, 7 +B+C+D

CASO 4	
Relato do Crime	V. refere que no dia dos fatos, em co-autoria, subtraiu para si, mediante grave ameaça exercida com emprego de arma de fogo, um automóvel. Fizeram a vítima despojar-se de seus bens, inclusive assinar folhas de cheque em branco. Usufruiu deste veículo por três dias quando foi detido pela polícia. V. não nega os fatos, mas alega, como causa de seu delito, o fato de que "andava em más companhias"
Ocorrências Clínicas	Convulsão febril aos 2 e 3 anos, medicado no período com anticonvulsivante. Crises de ranger de dentes e sonolôquio. EEG: sinais discretos de irritação focal parieto-temporal e paroxismos raros polimorfos
Desenvolvimento	Anóxia pós-parto. Atraso no desenvolvimento da marcha e da fala
Relacionamento Interpessoal	Disposição para mentir, oposição e rebeldia, com conduta recalcitrante
Vida Sexual /Conjugal	Solteiro, não constam outras informações
Vida Escolar	Estudou até a 4ª série, apresentando dificuldades de aprendizagem e problemas de assiduidade.
Vida Profissional	Ocupações diversas e ocasionais, com instabilidade
Uso de Substâncias Psicoativas	Tabagista
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Prática de furtos
Exame Psíquico	Atitude arrogante e vaidosa, com demonstrações de indiferença perante ao exame. Inteligência limítrofe
Delito	ROUBO
Idade na ocasião do delito	19 anos
CID-10	F60.2: a, b, e, f
DSM-IV	301.7 - A: 1, 2, 3, 6, 7 +B+C+D

CASO 5	
Relato do Crime	B. de 24 anos de idade, constrangeu a mãe, mediante violência e ameaça de morte, a praticar com ele conjunção carnal. Em depoimento afirmou que sempre teve certa atração pela mãe; procurava vê-la tomando banho e sentia ciúmes do pai. Pediu à mãe que levasse a prima, de 11 anos, para manter relações com ele. Em seguida, ameaçou a mãe de que a mataria e depois se suicidaria, caso viesse contar a alguém ou à polícia sobre os fatos.
Ocorrências Clínicas	Sem informações quanto a antecedentes e alterações atuais
Desenvolvimento	Sem intercorrências
Relacionamento Interpessoal	Dos 3 aos 10 anos de idade ficou afastado do convívio com a mãe, devido a separação conjugal. Atividades lúdicas com outros meninos, aparentemente sem problemas.
Vida Sexual /Conjugal	Solteiro, manifesta promiscuidade sexual. Uso de intimidação e chantagem com propósito sexual.
Vida Escolar	Não freqüentou escola (motivos não esclarecidos)
Vida Profissional	Instabilidade nos empreendimentos, com ocupações ocasionais de curta duração
Uso de Substâncias Psicoativas	Uso de etílicos (reações agressivas sob efeito do álcool)
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Agressividade ocasional, com manifestações de violência
Exame Psíquico	Contato superficial e evasivo. Crítica deficiente do próprio comportamento; impulsividade parcialmente controlada.
Delito	ESTUPRO
Idade na ocasião do delito	22 anos
CID-10	F60.2: a, b, c, d, e
DSM-IV	301.7 - A: 1, 2, 3, 5, 6, 7 +B+C+D

CASO 6	
Relato do Crime	Lui, mais dois colegas ao saírem de uma festa, encontraram a vítima, que conheciam de vista e sabiam que era motorista de taxi. Resolveram assá-ltá-lo a mão armada, sendo que este reagiu pegando uma faca, ocasião em que Lui disparou 2 tiros contra a vítima. O periciando alega, apresentando um relato confuso e contraditório, que a vítima havia falado com a polícia sobre os seus furtos anteriores. A arma do crime havia sido roubada alguns meses antes, em plena via pública, de um senhor alcoolizado.
Ocorrências Clínicas	Com a idade de 7 para 8 anos apresentou crises provavelmente convulsivos precedidos de cefaléia, mal esclarecidos. Submeteu-se a tratamento, com remissão integral das crises.
Desenvolvimento	Não há informação
Relacionamento Interpessoal	Não há informações, apenas o relato subjetivo de ter sido criança "quieta", que gostava de brincar de bola e rodar pião.
Vida Sexual/Conjugal	Nunca teve namoradas.
Vida Escolar	4ª série incompleta. Várias repetências. Parou de estudar aos 12 anos, por desinteresse.
Vida Profissional	Trabalhou em feiras-livres, por 2 anos, e não exerceu outras atividades.
Uso de Substâncias Psicoativas	Comêçou a fumar <i>cannabis</i> aos 16 anos, idade em que começou a delinquir.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Roubo a transeuntes e furto qualificado.
Exame Psíquico	Demonstra frieza de ânimo, sem repercussão emocional quanto ao relato de sua vida.
Delito	LATROCÍNIO
Idade na ocasião do delito	16 anos
CID-10	F60.2: a, b, c, e, f
DSM-IV	301.7 - A: 1, 3, 6, 7 +B+C+D

CASO 7	
Relato do Crime	M. segundo a história, espancou violentamente dois de seus 3 filhos. O mais velho ficou em vida vegetativa e foi retirado do lar com quadro sintromico de criança espancada, vindo a falecer posteriormente. O segundo foi retirado dos pais na maternidade e encaminhado aos cuidados institucionais de proteção ao menor e o terceiro, uma filha com 24 dias de idade, que por estar chorando, foi arremessada contra a parede sofrendo lesões corporais de natureza grave e seqüela neurológica.
Ocorrências Clínicas	Abdome agudo traumático provocado por projétil de arma de fogo, em decorrência de peleja.
Desenvolvimento	Sem anormalidades, gêmeo heterozigótico e filho adotivo.
Relacionamento Interpessoal	aos 17 anos começou a envolver-se em frequentes brigas.
Vida Sexual/Conjugal	Amasiado há 5 anos, atribui à insistência dela o fato de ainda estarem juntos, sendo-lhe indiferente tal condição.
Vida Escolar	6ª série com 2 repetições. Estudou mecânica em grandes industrias (Honda e Yamaha)
Vida Profissional	É mecânico há 14 anos, mas com instabilidade nos empregos.
Uso de Substâncias Psicoativas	Submeteu-se a tratamento por dependência de <i>cannabis</i> . Atualmente é etilista e tabagista, sem abusos.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Diversos processos por lesões corporais, tráfico (início aos 17 anos) e porte de drogas.
Exame Psiquico	Foi constatada frieza de ânimo, sem outros transtornos relevantes.
Delito	LESÃO CORPORAL A MENOR DA FAMÍLIA, POR MOTIVO FÚTIL.
Idade na ocasião do delito	31 anos
CID-10	F60.2: a, d, e, f
DSM-IV	301.7 - A: 1, 3, 4, 5, 7 +B+C+D

CASO 8	
Relato do Crime	F: preso por diversos assaltos a mão armada a ônibus, com mais 9 pessoas, sendo 5 deles menores de idade. Acusações anteriores de 5 homicídios, latrocínio e roubo.
Ocorrências 11. Clínicas	Ferimento pulmonar causado por projétil de arma de fogo, aos 14 anos.
Desenvolvimento	Filho adotivo (tio materno). Refere sonilóquios na infância.
Relacionamento Interpessoal	Odeia a sua mãe, sendo revoltado com sua condição de adotado.
Vida Sexual/Conjugal	Não há referências
Vida Escolar	5ª série com 2 repetições. Interrompeu os estudos por um ano.
Vida Profissional	Teve apenas duas ocupações, de pouca duração e em subempregos.
Uso de Substâncias Psicoativas	Dependente de cannabis
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Início da marginalidade aos 14/15 anos. Roubos a mão armada. responde por 3 homicídios.
Exame Psíquico	Sinais de impulsividade, instabilidade e inquietude. Ausência de remorso ou culpa.
Delito	ROUBO A MÃO ARMADA
Idade na ocasião do delito	16 anos
CID-10	F60.2: a, b, e, f
DSM-IV	301.7 - A: 1, 3, 6, 7 +B+C+D

CASO 9	
Relato do Crime	Car. no dia dos fatos, arrastou a vítima até um matagal, obrigando-a a se despir. Proferiu ameaças e deu-lhe murros. Forçou-a a coito anal, ferindo-a. A seguir, ordenou que a vítima contasse até mil, antes de sair do local.
Ocorrências Clínicas	Bronquite, sonilóquios e terror noturno na infância. Ilusões ocasionais enquanto trabalhava (ouvia chamarem o seu nome). Após a prisão, submeteu-se a tratamento psiquiátrico para insônia e ansiedade, desencadeadas pelas humilhações sofridas na cadeia.
Desenvolvimento	Sem anormalidades
Relacionamento Interpessoal	Refere que gostava de conversar e jogar bola. Diz-se influenciado por "más-companhias".
Vida Sexual/Conjugal	Segundo refere, nunca teve dificuldades com mulheres. Casado há 6 anos e os acontecimentos repercutiram no relacionamento.
Vida Escolar	1º grau, com 2 repetências, interrompeu os estudos por influência dos colegas, que o induziam a farras.(sic)
Vida Profissional	Trabalha desde os 14 anos. Vários empregos, com inconstância.
Uso de Substâncias Psicoativas	Tabagista no passado. Etilismo moderado.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Responde a 6 processos por estupro.
Exame Psíquico	Pouco cooperante e com tentativa de simulação. Afirma que agiu sob forte emoção e que estaria inconsciente (dados não confirmados pela perícia).
Delito	ESTUPRO COM LESÃO CORPORAL
Idade na ocasião do delito	24 anos
CID-10	F60.2: b, e, f
DSM-IV	301.7A: 1, 3, 6, 7 +B+D

CASO 10	
Relato do Crime	Di, dirigiu-se ao vizinho pedindo-lhe fumo de corda e, ante sua negativa, feriu-o mortalmente a facadas, a seguir subtraiu-lhe o relógio. Arrastou o corpo para um brejo e voltou à casa da vítima para roubar dinheiro. Fugiu para outra cidade mas antes, segundo informa, contou para sua mãe o que fizera.
Ocorrências Clínicas	Referência a cefaléias vagas e mal descritas, iniciadas há dois anos, que relaciona com acidentes sem gravidade.
Desenvolvimento	Não há informações conclusivas.
Relacionamento Interpessoal	Adolescente agressivo, gostava de matar animais com estilingue. Violento. Revoltado com sua mãe, por ela ter tido diversos relacionamentos amorosos. Tem três filhos de diferentes mulheres, mas não mantém contato com nenhum deles
Vida Sexual/Conjugal	Solteiro, teve vários namoros passageiros, porque "não tem amor nem por si mesmo" (sic).
Vida Escolar	3ª série. Curso de enfermagem feito na cadeia por correspondência.
Vida Profissional	Pedreiro. Vários empregos ocasionais.
Uso de Substâncias Psicoativas	Usuário de <i>cannabis</i> e álcool. Apresentou diversos episódios de <i>delirium</i> por uso abusivo de etílicos.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Desde os 10 anos de idade pratica roubos. Agrediu com facadas um colega de trabalho. Testemunhas afirmaram que, quando embriagado, fala de outro homicídio, porém negando-o ao estar sóbrio. Ameaça de morte os familiares com frequência.
Exame Psíquico	Irritabilidade acentuada; tentativa de forjar dados; pouco cooperante.
Delito	LATROCÍNIO
Idade na ocasião do delito	20 anos
CID-10	F60.2: a, b, c, d, e
DSM-IV	301.7A: 1, 3, 4, 6, 7 +B+C+D

CASO 11	
Relato do Crime	Ne. dirigiu-se com alguns conhecidos para uma festa na casa da vítima e, ao ser apresentado a ela, sacou um revólver, que momentos antes exibia a todos, e disse-lhe: "você tem uma cabeça muito grande, boa para levar um tiro" e atirou. Refere não se lembrar dos fatos, apenas que havia feito uso de etílicos.
Ocorrências Clínicas	Amigdalite e desidratação aos 3 meses.. Prováveis crises parciais com transtorno de consciência e manifestações complexas pelo uso de etílicos. EEG - mostrando sinais de disfunção centroencefálica. Impulsividade e hiperatividade.
Desenvolvimento	Normal, segundo refere
Relacionamento Interpessoal	Foi criança muito mimada por parentes e apreciava ser o centro das atenções. Inquieto, turbulento. Bebia demasiado em festas. Costumava relacionar-se com pessoas de nível sócio-econômico inferior ao seu.
Vida Sexual/Conjugal	Poucas namoradas... "não gosto de me ligar a ninguém" (sic).
Vida Escolar	Na escola comandava "quadrilha". Conseguia ser aprovado sem frequentar as aulas manipulando professores e auxiliares, e ainda zombava deles. Curso superior de Administração de Empresas incompleto. Expulso do colégio por agredir professor.
Vida Profissional	Vários empregos, não conseguia se adaptar. Agradava policiais, prestando-lhes serviços, para angariar simpatia e poder.
Uso de Substâncias Psicoativas	Uso de anfetamina e cocaína misturadas com bebidas alcoólicas. Tabagista.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Processado anteriormente por receptação e lesão corporal culposa. Possui várias armas em casa. Envolveu-se em vários outros delitos, não esclarecidos no processo. Ameaçou o irmão com revólver.
Exame Psíquico	Ansiedade e hostilidade
Delito	HOMICÍDIO
Idade na ocasião do delito	27 anos
CID-10	F60.2: a, b, c, d, e
DSM-IV	301.7-A: 1, 3, 4, 5, 6; 7 +B+C+D

CASO 12	
Relato do Crime	Li. foi internado em Hospital Psiquiátrico por álcoolismo e simulação de tentativa de suicídio para chamar a atenção da família. Neste hospital confeccionou estilete com cabo de uma colher e tentou agredir funcionários e outros pacientes.
Ocorrências Clínicas	Alcoolismo crônico desde os 14 anos, com ingestão imoderada. dependência simultânea de <i>cannabis</i> e uso ocasional de cocaína. Refratário aos tratamentos a que foi submetido, utilizando-se de subterfúgios para beber e usar outras drogas, mesmo quando hospitalizado.
Desenvolvimento	Enurese noturna tardia, epistaxes frequentes e transtorno do sono na infância. Motivação insuficiente para empreendimentos.
Relacionamento Interpessoal	Desde a adolescência apresenta-se disfórico, irritável, intransigente e intolerante com os demais. Atritos frequentes no relacionamento
Vida Sexual/Conjugal	Foi amasiado por 1 ano. Tem uma filha que não vê há 7 anos, referindo " não ter vontade nenhuma de vê-la." Não tolerou a vida conjugal.
Vida Escolar	Por motivação deficiente, só completou o 1º grau devido ao apoio constante da mãe, que o acompanhou durante o curso.
Vida Profissional	Vários e ocasionais empregos. Gastava todo o dinheiro em bebida. Não tolerava ordens dos patrões ou compromisso.
Uso de Substâncias Psicoativas	Dependência de etílicos desde os 14 anos, associando <i>cannabis</i> e outras drogas. Tabagista.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Detenções pregressas por tentativas de agressão e de furto.
Exame Psíquico	Não cooperante. Atitude hostil e evasiva. Ansiedade leve. Auto-estima e consideração pelos demais comprometidas. Irritável. Crítica deficitária, ausência de sentimentos de culpa e de ressonância emocional.
Delito	LESÃO CORPORAL E TENTATIVA DE SUICÍDIO
Idade na ocasião do delito	32anos
CID-10	F60.2: a, b, c, d, e +F60.30
DSM-IV	301.7-A: 1, 3, 4, 5, 6, 7 +B+C+D

CASO 13	
Relato do Crime	Ev. Cometeu homicídio com arma de fogo furtada da própria vítima, alegando que esta ameaçava sua família de morte. Teria jogado tinta e atado fogo nos carros de sua família, além de afirmar ter saído com a sua mãe. Ev. dissimulou um programa com mulheres, convidou a vítima e a matou quando esta virou-se para urinar. Depois, roubou seus documentos, talão de cheque e o próprio veículo. Foi à sua residência e furtou uma filmadora e outros bens, vendendo-os posteriormente
Ocorrências Clínicas	3 acidentes com contusão cerebral aos 9, 10 e aos 17 anos. Hepatite aos 13 anos. Várias doenças venéreas por comportamento promíscuo.
Desenvolvimento	Parto demorado. Andou com 1 ano e 4 meses.
Relacionamento Interpessoal	Na infância preferia ficar em casa vendo TV. Na adolescência safá e namorava em demasia e era muito irresponsável. Irrequieto, gastava muito dinheiro. Vivia em bares, não dava satisfação à sua família e pagava contas dos colegas no bar, contraindo assim várias dívidas. Mentiroso, gostava de mostrar grandeza e aparentar ser rico. Atualmente não se sente culpado de nada. Sai com prostitutas e não paga os serviços. Tem uma filha de outro relacionamento, que não se interessou em conhecê-la.
Vida Sexual/Conjugal	Ficou apenas 8 meses casado, separou-se por não parar em emprego. Mulherengo.
Vida Escolar	Superior incompleto, inconstante nos estudos
Vida Profissional	Inconstante nos empregos, por não gostar de receber ordens.
Uso de Substâncias Psicoativas	Etilista
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Falsificou cheque do pai e do tio, passava cheque sem fundo Roubou dinheiro da firma do irmão. Não pagava suas dívidas.
Exame Psíquico	Ansiedade, baixa ressonância afetiva, crítica rebaixada, lentificação do pensamento, paracinesia. Atenção espontânea pouco aumentada.
Delito	LATROCÍNIO
Idade na ocasião do delito	26 anos
CID-10	F60.2: a, b, c, e, f
DSM-IV	301.7-A: 1, 2, 3, 5, 6, 7 +B+C+D

CASO 14	
Relato do Crime	Val. e mais quatro pessoas, sendo três deles menores ininputáveis, roubaram um carro e na fuga foram detidos por 2 policiais. No trajeto sacaram um revólver, que conseguiram esconder, e os mataram. O periciando atirou na cabeça de um dos policiais, ferindo-o mortalmente. Evadiu-se da prisão por 9 meses e retornou por vontade própria, alegando estar muito doente.
Ocorrências Clínicas	Prolapso da válvula mitral.
Desenvolvimento	Normal, sem intercorrências, refere ter sido criança inquieta.
Relacionamento Interpessoal	Não mantém relacionamentos estáveis com os amigos.
Vida Sexual/Conjugal	Solteiro, não mantendo relacionamentos estáveis.
Vida Escolar	7ª série com uma repetência.
Vida Profissional	Vários subempregos, instável.
Uso de Substâncias Psicoativas	Iniciou uso de cannabis aos 13 anos. Tabagista, faz uso de etílicos socialmente.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Aos 14 anos portava arma de fogo. Aos 15 anos, furtos de toca-fitas. Aos 17, tentativa de homicídio com uso de arma de fogo, ferindo a vítima sem gravidade.
Exame Psíquico	Apático e indiferente ao exame. Afetividade coartada. Contato interpessoal distante e pouca empatia. Projeções e racionalizações como mecanismos de defesa.
Delito	HOMICÍDIO
Idade na ocasião do delito	18 anos
CID-10	F60.2: a, b, c, d, e, f
DSM-IV	301.7-A: 1, 3, 4, 6, 7 +B+C+D

CASO 15	
Relato do Crime	Ant. frequentava um bar todas as noites, onde jogava dominó. Como sempre perdia, passou a acusar o dono do bar de estar orientando os jogadores para roubar-lhe no jogo. Na noite dos fatos, ameaçou um dos jogadores. O dono entrevistou e Ant. desferiu-lhe 2 golpes de estilete provocando-lhe ferimentos graves. Ant. confessou na ocasião que pretendia matá-lo, como também aos seus familiares. Perante o juiz, negou todos os fatos e disse estar sendo acusado por ser egresso de cadeia.
Ocorrências Clínicas	Sem intercorrências relevantes
Desenvolvimento	Normal, sem intercorrências. Até os 10 anos de idade foi cuidado pelos avós. Afirma que apanhava muito de seu pai.
Relacionamento Interpessoal	Refere que nunca teve amigos.
Vida Sexual/Conjugal	Refere relacionamentos amorosos sem compromisso e de curta duração.
Vida Escolar	Até a 3ª série, com várias repetências. Refere dificuldade nos estudos, principalmente em Português..
Vida Profissional	Trabalhou em sapataria por 8 anos, depois como ajudante de marcenaria por três anos, tornando-se sócio, apesar de, durante este período, continuar praticando furtos e outros delitos.
Uso de Substâncias Psicoativas	Foi usuário de cannabis por 10 anos. Tabagista moderado.
Comportamento Delinqüente ou Ocorrências Conexas	Matou seu sócio porque o mesmo não queria dividir a renda do serviço que realizara. Cumpriu 5 anos a mais da pena por indisciplina na prisão. Foi apenado também por furto e agressão. Teve outra acusação de homicídio, porém não foi condenado por ter apresentado álibi.
Exame Psíquico	Indivíduo rude, sem cultura, com tendência explosiva e agressiva. Precários valores éticos e morais. Prospecção deficitária..
Delito	TENTATIVA DE HOMICÍDIO
Idade na ocasião do delito	36 anos
CID-10	F60.2: b, c, d
DSM-IV	301.7-A: 1, 3, 4, 5 +B+C+D

III. RESULTADOS

• TRAÇOS DA CID-10 E DSM-IV

Casos	RELATO DO CRIME	CID-10 F60.2	DSM-IV A 301.7	B,C,D,
1	J. <u>MATOU</u> A GOLPES DE FACA UM HOMEM IDOSO DE FORMA PREMEDITADA.	a, b, c, d, e, f	A: 1, 3, 4, 5, 6, 7	+B+C+D
2	S. ACUSADO DE 2 <u>HOMICÍDIOS</u> , SENDO 1 DELES POR VINGANÇA.	a, b, d, e, f	A: 1, 3, 4, 5, 6, 7	+B+C+D
3	E. ACUSADO DE <u>LATROCÍNIO</u> E EM CO-AUTORIA, COMETEU CHACINA CONTRA 4 MENORES.	a, b, d, e	A: 1, 3, 4, 5, 6, 7	+B+C+D
4	V. EM CO-AUTORIA, ACUSADO DE <u>ROUBO</u> DE CARRO E TALÕES DE CHEQUE.	a, b, e, f	A: 1, 2, 3, 6, 7	+B+C+D
5	B. <u>ESTUPRO</u> DA MÃE, MEDIANTE <u>VIOLÊNCIA</u> E AMEAÇA DE MORTE.	a, b, c, d, e	A: 1, 2, 3, 5, 6, 7	+B+C+D
6	L. MATOU POR REAÇÃO DA VÍTIMA A <u>TENTATIVA DE ASSÁLTO</u> .	a, b, c, e, f	A: 1, 3, 6, 7	+B+C+D
7	M. <u>LESÃO CORPORAL</u> VIOLENTA EM 2 DE SEUS 3 FILHOS. 1 DELES FALECEU E OUTRO ESTÁ COM SEQUELAS NEUROLÓGICAS IRREVERSÍVEIS.	a, b, e, f	A: 1, 3, 4, 5, 7	+B+C+D
8	F. DIVERSOS <u>ROUBOS</u> A ONIBUS, PRATICADOS EM BANDO, ACUSAÇÃO ANTERIOR DE 5 <u>HOMICÍDIOS</u> , <u>LATROCÍNIO</u> E <u>ROUBO</u> .	a, b, e, f	A: 1, 3, 6, 7	+B+C+D
9	C. <u>ESTUPRO</u> , MEDIANTE <u>VIOLÊNCIA</u> .	b, e, f	1, 3, 6, 7	+B+D
10	D. <u>MATOU</u> POR MOTIVO FÚTIL, SEGUIDO DE <u>ROUBO</u> .	a, b, c, d, e	A: 1, 3, 4, 5, 6, 7	+B+C+D
11	N. <u>HOMICÍDIO</u> EM ESTADO DE EMBRIAGUES.	a, b, c, d, e	A: 1, 3, 4, 5, 6, 7	+B+C+D
12	LI. <u>LESÃO CORPORAL</u> INFUNDADA A TERCEIROS, COM ESTILETE, E SIMULAÇÃO DE TENTATIVA DE SUICÍDIO.	a, b, c, d, e	A: 1, 3, 4, 5, 6, 7	+B+C+D
13	E. <u>HOMICÍDIO</u> PREMEDITADO, ALEGANDO VINGANÇA, SEGUIDO DE ROUBO	a, b, c, e, f	A: 1, 2, 3, 5, 6, 7	+B+C+D
14	V. <u>ROUBO</u> EM BANDO, COM <u>MORTE</u> DOS POLICIAIS QUE OS DETIVERAM.	a, b, c, d, e, f	A: 1, 3, 4, 6, 7	+B+C+D
15	AN. <u>TENTATIVA DE HOMICÍDIO</u> , APÓS BRIGA EM BAR.	b, c, d	A: 1, 3, 4, 5	+B+C+D

• TIPO E IDADE DO DELITO

TIPO DE DELITO	% DA AMOSTRA
HOMICÍDIO	26,66%
LATROCÍNIO	26,66%
ROUBO	13,33%
ESTUPRO	13,33%
LESÃO CORPORAL	13,33%
TENTATIVA DE HOMICÍDIO	6,66%

IDADE DO DELITO (EM ANOS)	% DA AMOSTRA
16-19	33,33%
20-25	33,33%
26-30	13,33%
31-36	20%

Todos apresentaram história progressa de furto e/ou homicídio e/ou violência e/ou estupro e/ou tráfico de drogas

• COMPORTAMENTO DELINQUENTE PROGRESSO

FAIXA ETÁREA	COMPORTAMENTO AGRESSIVO	USO DE DROGAS	COMPORTAMENTO DELINQUENTE
INFÂNCIA	40%	6,66%	6,66%
ADOLESCÊNCIA	13,33%	93,33%	93,33%
SEM DADOS	46,66%	-	-

• USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

26,66%	só etílicos
33,33%	só cannabis
33,33%	uso de uma ou mais drogas (cannabis, etílicos, crack, cocaína e anfetaminas)
6,66%	só tabagismo

14 dos 15 casos fizeram uso de substâncias psicoativas

• OCORRÊNCIAS CLÍNICAS PROGRESSAS

53%	apresentação de manifestações possivelmente epiléticas, e outras (enurese, sonilóquios) sem confirmação diagnóstica.
14%	apresentaram traumas acidentais
33%	sem intercorrências clínicas

• RELACIONAMENTO AFETIVO-CONJUGAL

40%	solteiros
33,33%	referiram desprezo relativo aos relacionamentos
13,33%	concubinato
6,66%	promiscuidade sexual
6,66%	casado

Todos apresentaram instabilidade afetivo-conjugal

- **RELACIONAMENTO INTERPESSOAL**

- Habitualmente agressivo e/ou rebelde

- Frequentes atritos e/ou brigas

- Disposição a mentiras

- Maltratos a animais

- Ódio contra a mãe

- Referência a ser influenciado por "más companhias"

- Ausência de amigos

- Inconstância nas amizades

- Comportamento irrequieto e turbulento

- **EXAME PSÍQUICO**

- Insensibilidade afetiva

- Empatia deficitária

- Descontrole dos impulsos

- Tentativa de dissimulação

- Ausência de arrependimento

- Atitude arrogante e vaidosa

- Ansiedade situacional

- * Obs: Nenhum dos casos examinados apresentou sintomas psicóticos prévios e/ou à época.

RESULTADOS DOS ÍNDICES DA PROVA DE RORSCHACH

• TRABALHO MENTAL

1. Capacidade Associativa

	R (43 sd 20)	T/R	Z/R
GRUPO GERAL n=15	X=20	NORMAL	Z/R-

2. Observação Intelectual

	Monocromáticas	Coloridas
GRUPO GERAL n=15	G↑	PE
<i>INSTÁVEIS</i> n=7	G↑ P p↑ (GP)	P p↑ E GE (p')
<i>EXPLOSIVOS</i> n=2	G↑ GE↑	PE
<i>PERVERSOS</i> n=5	G↑ E (GP PG)	PE
<i>ASTÊNICOS</i> n=1	G↑	G↓ P E↑

3. Adaptação à Realidade Objetiva e Capacidade de Ação Construtiva

	Monocromáticas	Coloridas
GRUPO GERAL n=15	%F+↓ %A↑ %V↓ CON↓ λ↓	%F+↓ %A↑ %V↓ CON↓ λ↑
<i>INSTÁVEIS</i> n=7	%F+↓ %A↑ %V↓ CON↓ λ↓	%F+↓ %A↑ %V↓ CON↓ λ=
<i>EXPLOSIVOS</i> n=2	sem predominância	%F+↓ %V↓ CON↓ λ↑
<i>PERVERSOS</i> n=5	%A↑ CON↑ λ↓	%A↑ %V↓
<i>ASTÊNICO</i> n=1	%F+↓ %A↑ %V↓ CON↓ λ=	%F+↑ %A↓ %V= CON↓ λ↑

4. Conteúdos

<i>GRUPO GERAL</i> n=15	A>pA	H<pH	an
<i>INSTÁVEIS</i> n=7	A>pA	H>pH	an
<i>EXPLOSIVOS</i> n=2	A>pA	H<pH	an
<i>PERVERSOS</i> n=5	A>pA	H<pH RH=0	an=0
<i>ASTÊNICO</i> n=1	A>pA	H>pH	an=0

OBS.: 1. Foram considerados apenas os índices com frequência predominante

2. (=) Média; (↑) elevado; (↓) rebaixado.

• FEITIO DE PERSONALIDADE

1. Distribuição dos Fatores Determinantes

GRUPO GERAL n=15	M < m+m' ⇒ m	Ps = ps+ps' ⇒ Ps, ps	L < l+l' ⇒	FC < CF+C ⇒ CF	-	C'
<i>INSTÁVEIS</i> n=7	M < m+m' ⇒ M,m	Ps = ps+ps' ⇒ Ps, ps	L > l+l' ⇒ L, l'	FC < CF+C ⇒ CF	nC, nC'	C'
<i>EXPLOSIVOS</i> n=2	M < m+m' ⇒ M=0,m'	Ps < ps+ps' ⇒ Ps = 0, ps	L < l+l' ⇒	FC < CF+C ⇒ CF	nC, nC'	C'
<i>PERVERSOS</i> n=5	M < m+m' ⇒ m	Ps=ps+ps' ⇒ Ps, ps'	L < l+l' ⇒	FC < CF+C ⇒ C	-	C'
<i>ASTÊNICO</i> n=1	M < m+m' ⇒ M,m,m'	Ps>ps+ps' ⇒ Ps	L < l+l' ⇒ l'	FC < CF+C ⇒ C	-	C'

2. Condições Afetivo-Emocionais

<i>GRUPO GERAL</i> n=15	IMP ↑	Af =	EQ coartado
<i>INSTÁVEIS</i> n=7	IMP ↑	AF ↓	EQ e EQ'coartado
<i>EXPLOSIVOS</i> n=2	IMP ↑	AF=50% AF ↓ 50%	EQ e EQ'extroversivo 50% EQ e EQ'introversivo 50%
<i>PERVERSOS</i> n=5	IMP ↑	AF ↑ 40% AF ↓ 40%	EQ extroversivo EQ'coartado
<i>ASTÊNICO</i> n=1	IMP ↑	Af =	EQ coartado EQ' introversivo

3. Sinais Psicodiagnósticos

<i>GRUPO GERAL</i> n = 15	HARROWER +
<i>INSTÁVEIS</i> n = 7	HARROWER +
<i>EXPLOSIVOS</i> n = 2	Variável
<i>PERVERSOS</i> n = 5	HARROWER +
<i>ASTÊNICO</i> n = 1	HARROWER +

4. Mecanismos Inusuais de Reação

<i>GRUPO GERAL</i> n=15	REFERÊNCIA À PRÓPRIA EXPERIÊNCIA, PERSEVERAÇÃO DE CONTEÚDOS, REJEIÇÃO E INIBIÇÃO.
<i>INSTÁVEIS</i> n=7	REJEIÇÃO E INIBIÇÃO, REFERÊNCIA À PRÓPRIA EXPERIÊNCIA.
<i>EXPLOSIVOS</i> n=2	sem predominância
<i>PERVERSOS</i> n=5	REJEIÇÃO E INIBIÇÃO, PERSEVERAÇÃO.
<i>ASTÊNICO</i> n=1	REJEIÇÃO E INIBIÇÃO, REFERÊNCIA À PRÓPRIA EXPERIÊNCIA, LIBERAÇÃO DE R.

III. 1 - INTERPRETAÇÃO DOS ÍNDICES DA PROVA DE RORSCHACH

• GRUPO GERAL

1. Aspectos Cognitivos

- **capacidade associativa:** baixa produção, com escassos recursos da personalidade. Isto indica que apresenta falta de flexibilidade, criatividade e espontaneidade no contato com o ambiente;

- **O ritmo do trabalho mental** é normal, indicativo de ausência de alteração do trabalho mental no grupo;

- A capacidade de elaborar os dados da realidade está elevada, o que indica potencial de **inteligência média ou elevada**, porém com predomínio de subjetivismo nas associações (Z^2), no grupo;

- Nas situações convencionais percebem a realidade de forma imediata e superficial;

- Nas situações de envolvimento afetivo percebem apenas os elementos óbvios com disposição impositiva;

- A adaptação à realidade objetiva se faz pelo juízo valorativo dos fatos, com insuficiente assimilação de regras sociais, em ambas as circunstâncias;

- São incapazes de ação construtiva e criativa sendo que nas situações afetivas mobilizam intensamente os recursos imaturos e egocêntricos da personalidade, agindo de forma imprevisível.

2. Condições Afetivo-Emocionais

- prevalece o subjetivismo entre os fatores determinantes da personalidade;

- nas relações interpessoais as fantasias primárias prejudicam a possibilidade de adaptação aos padrões esperados à convivência social;

- carecem de sensibilidade emocional, são anespontâneos em suas reações, não conseguem modular as emoções;

- Predominam as reações instintivas e mesmo a liberação dos afetos, sem nenhum controle;

- o contato afetivo é pobre e superficial, predominando a impessoalidade;

- Todos evidenciaram elevada suscetibilidade aos impulsos da individualidade.

- Dificuldade de empatia e autocentrismo.

3. Sinais Psicodiagnósticos e Mecanismos de Reação

- *Série de Harrower* positiva em 12 dos 15 casos. Indicativo de que os examinandos possuem a noção (não elaborada, nem crítica) de suas limitações no relacionamento. Pode decorrer de um viés, devido a situação de avaliação forense;

- *Série de Piotrowski*. Em apenas 3 sujeitos da amostra esta série foi positiva, confirmando a hipótese de ausência de comprometimento orgânico do trabalho mental;

- *Mecanismos anormais de reação*, predominou os que refletem uma apreciação limitada dos dados da realidade e o juízo valorativo dos fatos, o que interpretamos como tentativa de evasão da prova.

SUB-GRUPOS

- **TIPO EXPLOSIVO: CASO 1 e CASO 7**

Diferem do grupo geral nos seguintes aspectos:

1. Condições Cognitivas

Revelam uma preocupação com os obstáculos que se interpõem às suas necessidades, que se instalam nas situações convencionais.

Nas situações afetivas a adaptação à realidade objetiva é a mesma da do grupo geral, mas o interesse emocional é variável.

2. Condições Afetivo-Emocionais

É o único grupo que não apresentou respostas de M, m e Ps. Apresentou apenas m' e ps. Isto indica que este grupo não tem capacidade de controle cognitivo.

Apresentam nC e nC' confirmando que não possuem auto-controle, estando sujeitos à atitudes intempestivas.

3. Sinais Psicodiagnósticos e Mecanismos de Reação

Foi o único grupo em que não ocorreu predominância quanto aos sinais de mecanismos de reação.

- **TIPO PERVERSO: CASO 3, CASO 5, CASO 8, CASO 10, CASO 14**

Diferem do grupo geral nos seguintes aspectos:

1. Condições Cognitivas

Nas situações convencionais apresentam tendência oposicionista, com eventuais distorções perceptivas. É o único que apresenta ocorrência de PG (generalização apressada da percepção). Ambos os mecanismos decorrem de mobilização difusa dos impulsos instintivos.

O contato afetivo é impessoal e apresenta maior disposição subjetiva para a ação (impetuosidade).

2. Condições Afetivo-Emocionais

Ausência de capacidade de auto-controle com necessidade de domínio e reações instintivas predominantes.

É o único grupo que não revela respostas sugestivas de frustração ($m'=0$), denota possibilidade de desorientação cognitiva quando confrontado com os aspectos da individualidade. A nível manifesto do comportamento reage por liberação impulsiva e não apresenta preocupação com a sua condição judicial.

3. Sinais Psicodiagnósticos e Mecanismos de Reação

É o único grupo que apresentou perseveração de conteúdos, denotando apreciação limitada, pobre e pouco flexível dos dados da realidade.

- **TIPO INSTÁVEL:** CASO 2, CASO 4, CASO 6, CASO 9, CASO 11, CASO 13, CASO 15

Diferem do grupo geral nos seguintes aspectos:

1. Condições Cognitivas

Nas situações convencionais é o único grupo que observa os aspectos óbvios do ambiente, assim como revela grande preocupação com os detalhes pouco significativos dos fatos. Apresenta também, eventual distorção perceptiva.

Nas situações afetivas, revela detalhismo e preocupação com os obstáculos que se interpõem às suas necessidades. Revela eventual bloqueio emocional, interferindo na construção do raciocínio.

2. Condições Afetivo-Emocionais

É o grupo que tem maior flexibilidade dos recursos da personalidade, com possibilidade de modulação das emoções. Contudo, a personalidade é imatura e sujeita a atitudes intempestivas.

Reduzida disponibilidade para o relacionamento interpessoal, contato afetivo pobre e superficial, mas com capacidade de empatia ($H > pH$).

3. Sinais Psicodiagnósticos e Mecanismos de Reação

Sem peculiaridades

• TIPO ASTÊNICO: CASO 12

Diferem do grupo geral nos seguintes aspectos:

1. Condições Cognitivas

Nas situações afetivas consegue ligeiramente perceber os fatos de modo global, mas com exacerbação da tendência impositiva e falta de espontaneidade no contato emocional.

2. Condições Afetivo-Emocionais

Prevalece a necessidade de domínio impositivo e a tentativa de auto-controle cognitivo, mas é sujeito a reações instintivas e ansiosas.

Revela, a nível latente da personalidade, sentimento de frustração.

Apresenta capacidade de empatia ($H > pH$).

3. Sinais Psicodiagnósticos e Mecanismos de Reação

Série de Harrower e Piotrowski, sem peculiaridades.

É o único que apresentou mecanismo de "liberação", indicativo de elevada impulsividade.

IV - CONCLUSÃO

Confirmamos nossa impressão inicial, através dos dados clínicos e principalmente da Prova de Rorschach, de que os dinamismos da personalidade que interferem no conjunto das manifestações do comportamento, nos indivíduos classificados como Transtorno Anti-social da Personalidade, pelos critérios da CID-10 e DSM-IV, divergem entre si, sendo possível categorizá-los em subtipos de transtornos.

Encontramos 4 SUBTIPOS NA AMOSTRA, com diferenças significativas da estrutura mental: instável, com perversidade do caráter, explosivo e astênico.

Estes subtipos encontrados apresentam características peculiares ligadas às condições cognitivas, afetivo-emocionais e ao controle dos impulsos:

- nos instáveis o aspecto principal é a perturbação da capacidade de manutenção de propósitos e intenções;
- nos explosivos, o descontrole impulsivo intenso, com liberação de violência;
- nos astênicos, a deficiente espontaneidade vital;
- na perversidade do caráter, a insensibilidade afetiva aos demais e sentimentos deficitários relativos à alteridade;

Esses achados nos levam a refletir sobre as possibilidades terapêuticas e de reabilitação psicossocial, do grupo diagnosticado como TRANSTORNO ANTISOCIAL DA PERSONALIDADE.

A dificuldade de tratamento desses indivíduos é bem conhecida, mas não pode ser generalizada aos subtipos encontrados em nossa amostra.

Em nossa opinião, tanto as prisões comuns, quanto as enfermarias psiquiátricas, no atual modelo existente, não são apropriadas para o tratamento e a reabilitação psicossocial destes transtornos. Devemos considerar que o ambiente terapêutico deve oferecer diferentes modalidades, em função não apenas da periculosidade manifesta, mas também dos recursos de personalidade que propiciem o convívio e a participação comunitária, sem que seja oferecido risco relevante aos demais. Por este motivo, a destinação institucional de casos, como os que examinamos, não deve ser pautada exclusivamente no diagnóstico psiquiátrico ou no comportamento apreendido através do exame imediato. Para que sejam conseguidos melhores resultados, precisamos considerar todos os aspectos relativos a personalidade e às condições de vida pregressa das pessoas que foram consideradas portadoras de transtornos da personalidade.

Para consolidar estas proposições, pretendemos posteriormente ampliar nossa amostra e encontrar validação estatística.

V - BIBLIOGRAFIA

1. ALONSO-FERNÁNDEZ, F. - **Fundamentos de la Psiquiatria Atual.** 3ed. Madrid, Editorial Paz Montalvo, 1976. 2 V.
2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.** Fourth Edition. American Psychiatric Association. Washington DC, 1994.
3. CLONINGER, R.C. - **A Systematic Method for Clinical Description and Classification on Personality Variants.** *Arch Gen Psychiatry*, 44: 573-588. 1987.
4. COELHO, L. - **Epilepsia e Personalidade.** São Paulo, Editora Ática, 1980.
5. COELHO, L. et al. - **A Apreensão e Representação de Imagens em protocolos de Rorschach de Examinandos Violentos.** *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, Vol VI, nº 1: 37-67, 1987-1988.
6. DOLAN, B. ; COID, J. - **Psychopathic and Antisocial Personality Disorders. Treatment and research issues.** Londres, Gaskell, 1993.
7. FELDMAN, M.P. - **Comportamento Criminoso. Uma análise psicológica.** Zahar ed. Rio de Janeiro, 1979.
8. FRANCES, A. - **Categorical and Dimensional Systems of Personality. Diagnosis: A Comparison.** *Comprehensive Psychiatry*, Vol.23. No 6 (Nov-Dec):516-527, 1982.
9. FREEMAN, C.P.L. - **Personality disorders.** In: KENDELL, R.E.; ZEALLEY, A.K. - *Companion to Psychiatric Studies.* 5th edicion. Churchill Livingstone, 1993.
10. GIACONO, C.B., & MELOY, J.R. - **The Rorschach and the DSM-III Antisocial Personality: A Tribute to Robert Linder.** *Journal of Clinical Psychology*, May, Vol.48, No.3: 393-406, 1992
11. GIACONO, C.B., MELOY, J.R. - **A Rorschach investigation of attachment and anxiety in antisocial personality disorder.** *Journal of Nerv-Ment-Dis.* Sep 179(9): 546-552, 1991
12. HUSAIN O. - **Is the Rorschach of Psychopaths the same on both side of the Atlantic?** *Rorschachiana: Yearbook Of The Internation Rorschach Society* V. 20. 1995.
13. KOLDOBSKY, N.M.S. - **La Personalidad y sus Desordenes.** Buenos Aires. Editorial Salerno. 1995
14. LÓPEZ-IBOR, Jr.J.J. - **The Axis on Clinical Disorders (AxisI) of ICD-10.** *Newsletter of the World Psychiatric Association*, IX World Congress of Psychiatry: 41-44, 1993.

15. MENDES FILHO, R.B.-Os Transtornos da Personalidade. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, V. VIII nº1: 72-83,1991-1995.
16. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (Coord. e ed.) - **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993
17. PAIS, L.M.S.G.G. - **Elementos Para Uma Melhor Compreensão Do Funcionamento Do Indivíduo Ininputável Perigoso Homicida**. Monografia apresentada na área de Psicologia Clínica.Universidade de Coimbra, Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 1988/1989
18. PARISI, S., PES, P., et al.- **Disturbi di Personalità e Psicodiagnóstica Rorschach**. Roma. Edizioni Kappa, 1992.
19. PERRY, J.C. - **Problems In Considerations In The Assessment of Personality Disorders** *Am. J. Psychiatry* 149, nº12: 1645-1653, 1992
20. PRINS, H.- **Antisocial (psychopathic) personality disorders and dangerousness: two potentially dangerous concepts**. In: TYRER,P.; STEIN,G. *Personality Disorder Reviewed*. London , Gaskell - Royal College of Psychiatrists, 1993
21. SCHNEIDER, K. - **Las Personalidades Psicopáticas**. Primeira Edición, Madrid, Ediciones Morata, 1943.
22. SILVEIRA, A. - **Prova de Rorschach: Elaboração do Psicograma**. São Paulo, Edbras,1985.
23. TYRER,P.; STEIN,G. - **Personality Disorder Reviewed**. London, Gaskell - Royal College of Psychiatrists, 1993.
24. WEINER,I.B. **Speaking Rorschach: Let Not Theory Come Between Us**. *Rorschachiana:Yearbook of The Internation Rorschach Society* V. 20: 1-7,1995.

CONSCIÊNCIA: IMAGEM E SIGNIFICADO

*Ruy B. Mendes Filho*¹

INTRODUÇÃO

Há muito, a Psicologia descartou a idéia de que consciência é um dado imediato, correspondendo a uma função cognitiva simples. As bases para o esclarecimento do problema foram estabelecidas, em plano experimental, pela Psicologia Genética. O desenvolvimento cognitivo foi analisado a partir das relações entre a ação e a inteligência, e neste nível delineou-se o papel da construção simbólica. Distinguiu-se, ademais, entre a ação e a linguagem, o estatuto fundamental das imagens (3).

Após a reabilitação do conceito de imagem, com o desenvolvimento de novos métodos de pesquisa, procurou-se elucidar a sua participação nos mais diversos processos psicológicos. Como ressalta DENIS, a investigação experimental dos processos relacionados com as imagens oferece diversas dificuldades, pelo fato de que estas são muito variáveis em modalidade e representam sempre manifestações subjetivas (10).

Um dos pioneiros do movimento cognitivista, BRUNER, criticou a ênfase excessiva que, a seu ver, foi posta sobre a questão da analogia entre a mente humana e o computador. O processamento aferente de informações, que caracteriza a cognição humana, não pode ser concebido por modelos que desconsiderem as diferenças entre as funções cerebrais superiores e os mecanismos da inteligência artificial. Este autor acentua, ainda, a preocupação mais recente com a construção de significados. Em muitos campos de investigação relacionados com a linguagem e a cultura, tem-se valorizado este aspecto, que diz respeito à interpretação de qualquer modalidade de comportamento humano (4).

A seu turno, a doutrina que mais valorizou a interpretação do comportamento humano não se ocupou diretamente do problema da consciência. A importância da consciência está implícita, apenas, na obra psicanalítica. Desde que FREUD começou a desvendar os mistérios do inconsciente, omitiu-se o fato de que a consciência é a aquisição mais

¹ Médico Especialista em Psiquiatria, Mestre em Psicologia Clínica

recente e refinada dentre todas as manifestações da vida. A própria Psicanálise foi erigida tendo em vista a ampliação da consciência, como objetivo principal de seu método terapêutico.

Esta exposição, tendo originalmente intuito didático, não pretendeu alcançar a profundidade e a extensão consideráveis dos trabalhos já dedicados ao tema da consciência. Retomando os conceitos de "imagem" e de "significado", discorre sobre algumas questões que podem ser úteis ao estudo psicológico das manifestações conscientes, como base para a atividade clínica.

Valeu-se, para isto, de um modelo teórico desenvolvido por ANIBAL SILVEIRA, que articula sistematicamente os níveis de processamento das imagens e de contração dos significados, correlacionando-os com o funcionamento cerebral (24). Como se trata de uma concepção específica do aparelho psíquico, torna-se necessário explicitar, em linhas gerais, sua posição filosófica e epistemológica. Suas proposições fundamentais, tendo como ascendente o positivismo de COMTE, podem resumir-se no seguinte:

1. Todo conhecimento procede do exterior, sendo elaborado subjetivamente através do intelecto individual;

2. O mundo das idéias resulta, deste modo, da contração individual de noções, cujo significado, tendo sua gênese a partir da realidade sócio-histórica e cultural, pode transformar-se pela criação. singular;

3. O entendimento depende das influências recíprocas entre o homem e o mundo, e os resultados desta interação jamais alcançam a objetividade absoluta;

4. Em decorrência de sua complexidade, o espetáculo exterior oferece múltiplas dimensões de explicação e de compreensão, de onde a exigência de métodos heterogêneos de aproximação aos fenômenos, especialmente no domínio científico;

5. Há limites no âmbito das explicações conseguidas em cada dimensão do conhecimento científico, aceitando-se a irredutibilidade das teorias científicas em cada nível de manifestações, e isto aplica-se especialmente à distinção entre as ciências naturais e as ciências sociais;

6. As manifestações mentais são irredutíveis a qualquer outra ordem de fenômenos, respeitando-se a sua dimensão subjetiva, apesar de sua dependência quanto ao funcionamento cerebral e com relação à realidade sócio-cultural;

7. O senso comum distancia-se da formalização do conhecimento científico propriamente dito, mas não é irrelevante para as ciências que se ocupam da realidade concreta da existência humana, como a Psicologia.

Para a teoria comtiana, aquilo que hoje se conhece como Psicologia encontra seus fundamentos em três níveis epistemológicos distintos:

I. O estudo das bases biológicas das disposições mentais;

II. O conhecimento da gênese social dos conteúdos mentais (Pensamento, sentimento e capacidade de ação, desenvolvidos pela cultura);

III. O estudo da autonomia e da singularidade das realizações individuais (Plano moral e psicológico, propriamente dito).

Através destas proposições, não se pretende fazer jus a uma apresentação integral da teoria comtiana. Toda a complexidade do pensamento de COMTE, especialmente quanto à Psicologia, pode ser melhor avaliada no texto de COELHO (6).

Entretanto, com o resumo delineado em traços rápidos, pode-se aquilatar a importância das concepções positivistas para o estudo do problema da consciência. Ela deverá ser examinada como manifestação individual, inteiramente dependente da trama objetiva de significados, veiculados pela linguagem, e intrinsecamente relacionados à atividade humana coletiva e interpessoal.

As diferenças individuais são relevantes, no tocante à atividade mental: Disposições psíquicas em funcionamento oferecem sempre dinâmica peculiar a cada sujeito, não somente em razão da autonomia orgânica, mas também pela singularidade psicológica, traduzida pelo termo "personalidade", que se liga às condições concretas de existência de cada indivíduo.

O modelo teórico mencionado tem suas origens na concepção de LAFFITTE, discípulo de COMTE, que procurou sistematizar as diferentes modalidades de imagem, integrantes da vida psíquica (16). AUDIFFRENT, médico positivista, fundamentando-se no conhecimento de sua época, estabeleceu correlações entre a atividade cerebral e a psíquica (1). Ainda que o conhecimento fisiológico e neuropsicológico atual tenha trazido dados objetivos que exigem a revisão do modelo positivista sobre o funcionamento cerebral, os seus princípios fundamentais continuam válidos, pois referem-se à dinâmica sistêmica da atividade mental.

No decorrer de nosso século, SILVEIRA estudou a teoria das imagens com relação aos dois aspectos focalizados por seus precursores: O neurofisiológico e o psicológico. Em plano experimental, associou-se à equipe de McCULLOCH, corroborando algumas ilações sobre a organização e a dinâmica cerebral. Para isto, em suas investigações no Laboratório de Neurofisiologia do Illinois Neuropsychiatric Institute, utilizou a associação de três métodos neurofisiológicos - Termocoagulação laminar, ação da estricnina e eletrocorticograma, para estabelecer dados sobre a identidade entre determinados estímulos neurais e estímulos psíquicos, sobre a seletividade de estimulação cortical, entre estruturas diferentes do córtex cerebral e sobre a diferenciação funcional de camadas corticais, na recepção e na emissão dos estímulos. Estes aspectos traduzem a confirmação da concepção sistêmica sobre a atividade cerebral. (23). Com a prova de RORSCHACH, pode estabelecer conclusões sobre a dinâmica psicológica, no tocante ao processamento das imagens, e principalmente sobre as características essencialmente dinâmicas da elaboração cognitiva.

Prosseguindo no sentido das investigações sobre a percepção, através do método de RORSCHACH, a Profª LÚCIA COELHO, na última década, aproxima-se do movimento cognitivista, tendo como objetivo principal de seus trabalhos o esclarecimento do papel da emoção, nos processos cognitivos (7).

Fundamentando-se na teoria das imagens de SILVEIRA, esta exposição procura estender a discussão sobre o tema complexo dos processos mentais conscientes e inconscientes, apoiando-se, para isso, em alguns autores contemporâneos significativos.

I. A TEORIA DAS IMAGENS

I. 1. As Sensações

Para examinar os elementos sensoriais e sua relação com o trabalho perceptual, é preciso partir de uma posição epistemológica realista. Isto equivale a aceitar que, seja qual for a realidade última das manifestações exteriores, elas nos aparecem em sua qualidade concreta e empírica. Através dos sentidos, captamos a variedade dos fenômenos inerentes à constituição de nosso mundo, e correspondentes à dimensão de realidade em que se desenvolveu a vida.

Ao considerar a percepção e a capacidade de ação do organismo, acentua-se a importância das relações concretas entre cada ser vivo e o seu meio circundante, e o caráter utilitário destas relações na manutenção da vida.

Contudo, mesmo em nível elementar, as noções que se adquire sobre o mundo exterior não se devem exclusivamente aos atributos sensoriais, e não se restringem às informações que transcorrem através dos órgãos dos sentidos. Percebe-se mediante processos complexos, que assimilam as ocorrências segundo o conjunto de todos os desejos, crenças e expectativas que caracterizam a existência. Mais recentemente, alguns filósofos e estudiosos da mente têm considerado esta perspectiva, que consiste na revalorização de noções do senso comum. Crença, desejo, intencionalidade e autonomia referem-se a manifestações mentais, que influenciam de modo relevante todos os processos cognitivos, como assinalam SEARLE (22), FODOR (13) e BRUNER (4).

É preciso destacar que as imagens mentais, por sua vez, não se constituem como mero reflexo das condições objetivas.

O refinamento e a precisão de certos órgãos sensoriais, como o aparato óptico do homem, com seu complexo dispositivo de lentes, coloca por terra qualquer concepção estreita do idealismo.

Cada órgão dos sentidos traz informações específicas sobre a realidade exterior. Estas informações irão contribuir para com a orientação cognitiva. Como se sabe, entretanto, as informações sensoriais representam apenas parcela limitada dos acontecimentos exteriores. Parcela importante, pois os órgãos dos sentidos desenvolveram-se e se aperfeiçoaram para a sobrevivência, de acordo com a sua pertinência biológica. O espectro dos fenômenos físico-químicos captados pelos sentidos é muito seletivo e deveu-se, provavelmente, às contingências da evolução filogenética.

Há diferenças significativas entre os órgãos dos sentidos, mesmo sob ângulo estritamente morfológico.

Em nível fisiológico, destacam-se alguns aspectos importantes para o estudo da percepção. Nos animais superiores, em escala filogenética, os estímulos captados periféricamente são transmitidos para células nervosas que, de acordo com sua organização e distribuição, encaminham impulsos para setores específicos do sistema nervoso central. Os padrões destes impulsos, simultâneos e sucessivos, constituem aquilo que se denominou, em Psicologia, de "sensação".

A sensação é definida como o resultado das variações de intensidade e de qualidade da estimulação sensorial que, no estado normal, corresponde à ocorrência das manifestações exteriores, ou seja, à presença de estímulos externos.

No entanto, esta definição é problemática. O que há de essencial nela, como assinalou MERLEAU-PONTY, é seu acordo com o senso comum (20). As sensações são definidas por meio das condições objetivas de que dependem. Mas, para o associacionismo empirista, haveria correspondência pontual e conexão constante entre o estímulo e a percepção elementar. Não é o que se verifica nos experimentos da percepção, segundo recorda o filósofo. Eles nos mostram a apreensão de qualidades, assim como a de grandezas como variáveis dependentes do contexto perceptivo, e as impressões imediatas não correspondem ponto a ponto aos estímulos externos.

Contudo, não seria impróprio afirmar que as informações procedentes dos órgãos dos sentidos contribuem de modo relevante para com a formação da imagem perceptual.

As sensações não são uma espécie de percepção elementar. Também não é correto supor que sejam unidades constitutivas da percepção. A participação das aferências sensoriais, no processo perceptual, como função de ligação com o mundo objetivo, é apenas um dos aspectos de seu processamento. Em nível mais básico, porém imprescindível, o influxo sensorial evoca, instantaneamente, estados afetivos e tendências motoras, através de nexos estabelecidos durante a evolução filogenética.

Dentre os aspectos relacionados com a recepção sensorial, há um que assume especial interesse. Trata-se da interdependência entre a sensibilidade e a movimentação corporal.

O órgão da visão é muito variável, nas diversas espécies, quanto à morfologia e distribuição das células foto-receptoras, mas depende intrinsecamente dos movimentos. São estes relativos a diversos níveis de organização da visão, que conferem extensão e acuidade ao principal sentido humano de contato com o mundo exterior. Movimentos que renovam os estímulos retinianos, que ajustam o aparelho óptico, de acordo com a intensidade de luz e a distância, que regulam a convergência da visão binocular, movimentos de acompanhamento de objetos que se deslocam no espaço objetivo, enfim, movimentos complexos de atenção e de concentração.

O sentido muscular apreende variações de força e de esforço dispendidos, em função da influência mecânica exterior. Nos músculos e tendões, receptores específicos indicam estas variações, enquanto o aparelho vestibulo-coclear, em conexão com o cerebelo, rege o tônus muscular e o equilíbrio corporal, de acordo com a posição e o movimento. Há outro sistema, que regula o estado de contração das fibras musculares, preparando-as espontaneamente para a demanda ativa do organismo.

No caso da audição, os estímulos sonoros imprimem vibrações que são transmitidas pelo trato auditivo ao sistema nervoso central. Os órgãos de CORTI, nas zonas cocleares dos ouvidos internos, participam da discriminação de tons. Mas a tonalidade, a intensidade, a duração e a pausa entre os estímulos auditivos são elementos processados nos setores centrais de recepção auditiva. É central também a diferenciação de conjuntos de estímulos acústicos simultâneos e a seqüência de séries de sons, tons e ritmos diferentes, segundo LURIA (19). Como assinala o neuropsicólogo russo, a diferenciação auditiva necessária à linguagem verbal resulta da atividade integrada entre a recepção aferente e o processamento eferente. Este é responsável pelo que denomina "articulação intra-psíquica" dos sons relacionados com a linguagem, ou seja, um processo complexo de contração psicomotora (17).

Destaca-se, desta maneira, a ligação espontânea e sinérgica entre a recepção sensorial e a atividade motora de ajustamento, necessária à acuidade discriminativa dos principais processos de recepção sensorial de nossa espécie. Observando-se esta integração dinâmica entre a recepção aferente e o polo eferente do comportamento, entende-se porque BERGSON referiu-se ao cérebro como instrumento de análise, no tocante aos movimentos externos apreendidos, e instrumento de seleção, quanto aos movimentos executados (2).

No domínio neuropsicológico, constata-se que a divisão entre os planos da sensibilidade e da motricidade representa somente uma abstração. Atualmente, é inaceitável qualquer modelo teórico sobre a atividade mental que não tenha como pré-requisito a concepção sistêmica.

No entanto, ao se reconhecer que as sensações contribuem para com a discriminação no campo perceptual, é preciso, ao mesmo tempo, considerar que representam manifestações da própria percepção, e não outro tipo de imagem, mais elementar. Os componentes sensoriais que integram a percepção dependem de um processo que se inicia com a captação das impressões dos estímulos, prossegue através de trajetos específicos até os núcleos subcorticais talâmicos e projeta-se na corticalidade. As sensações conscientes são o resultado final deste processo complexo, em nível perceptual, mas já se destacou, anteriormente, que as vias sensoriais específicas integram-se a outros setores cerebrais. Através de processos não conscientes, as informações aferentes relacionam-se com os movimentos espontâneos e com a afetividade.

Contudo, os sentidos contribuem, cada qual a seu modo, para a noção do mundo externo. As sensações somente se tornam conscientes quando o trabalho cognitivo, propriamente dito, incide sobre elas, como observa SILVEIRA. Ou seja, em suas palavras, quando ocorre a percepção (24).

1. 2. A Percepção

No tópico anterior, pode-se aquilatar a importância dos sentidos, na captação das condições externas em que se situa o organismo e no ajustamento instantâneo, contínuo, que resulta da íntima solidariedade entre os polos sensorial e motor da organização cerebral.

Os componentes sensoriais da percepção participam da orientação imediata quanto ao meio, além de representarem um aspecto essencial dos processos cognitivos.

No caso do ser humano, as modalidades predominantes de contato com o exterior são a visão, a audição e o tato, mas os outros sentidos também contribuem para consolidar esta relação: Mecanorrecepção (as diversas variedades do tato), propriocepção (sensibilidade postural, de movimento e de esforço), termorrecepção, olfação e gustação. Nem todas estas informações atingem o nível cognitivo consciente.

Porém, como assinala o neuropsicólogo LURIA, o mundo exterior não se caracteriza por estímulos físicos ou químicos dispersos, mas por configurações de seres e de situações complexas, ou seja, por imagens mais ou menos definidas, que se sucedem no **continuum** tempo-espacial (18). O trabalho perceptual não consiste em apreensão imediata dos estímulos sensoriais, simplesmente, mas em uma atividade cognitiva complexa, dirigida para os eventos externos.

A percepção, na concepção de ANIBAL SILVEIRA, é o primeiro nível de contato intelectual com o mundo exterior, e envolve o conjunto dos processos mentais (24).

Um dos aspectos fundamentais do trabalho perceptivo é o de ser regulado pelo mundo exterior, como destaca DAMÁSIO (9). Todavia, ao comentar a teoria de AUDIFFRENT, a respeito da percepção, a Prof^a LUCIA COELHO observa que este autor já reconhecia o fato de que a percepção exige o concurso de toda a atividade mental. Portanto, se a percepção é regulada pelo mundo exterior, isto somente se dá pela mediação do estímulo afetivo, fonte de todo interesse, e do esforço de atenção, que incide sobre o trabalho intelectual.

Há um aspecto essencial, na percepção, que pode ser situado no domínio intrínseco da cognição. Trata-se do processo ativo de análise e de síntese, que, no modelo teórico de SILVEIRA, traduz a participação das funções de observação.

Examinado em conjunto, portanto, o processo perceptual inclui a recepção sensorial, a mobilização afetiva e da atenção, que incide sobre o trabalho cognitivo, promovendo a contração ativa das impressões decorrentes do estímulo externo e, finalmente, a atividade de análise e síntese. O resultado destes processos complexos é a imagem perceptiva ou primária, na acepção de SILVEIRA (24).

A imagem primária reúne dois componentes simultâneos, com dinâmismos diferentes.

O componente principal resulta da discriminação ativa, aplicada ao campo perceptual, que extrai os aspectos significativos, ligados à experiência passada, porém acessíveis à elaboração consciente. Tais aspectos são selecionados pela atenção, passíveis de evocação e suficientemente objetivos para permitirem a comunicação através da linguagem.

Além desta noção consciente, o processo perceptual envolve outro dinamismo, que se deve à repercussão emocional ante o estímulo. As reações afetivas assim despertadas resultam de nexos instantâneos estabelecidos entre o estímulo atual e a experiência vivida. Estas associações dinâmicas e inconscientes, caracterizadas pelo sincretismo e pela indiferenciação, interferem sobre a percepção consciente. As noções resultantes da atividade perceptiva podem, deste modo, revelar maior subjetivismo, além de não se regerem pelo encadeamento lógico peculiar à adaptação consciente. Este é o componente do processo perceptual que foi denominado acessório, por SILVEIRA.

Presume-se que, na adaptação à realidade, o componente principal da imagem primária deva prevalecer sobre o acessório, mas isto não deve levar à suposição de que o elemento inconsciente seja manifestação patológica. Ao contrário, ambos os componentes manifestam-se na percepção, e contribuem para com a gênese das noções que se adquire sobre a realidade exterior. Como se verá, posteriormente, nossos estados mentais não podem ser completamente objetivos e absolutamente racionais, pois também a criatividade e a originalidade dependem desse fundo sensível e indiferenciado, subsidiado pela vida afetivo-emocional.

Há na percepção outro aspecto funcional a ser considerado, que se relaciona com a contração ativa das impressões e com a seletividade da elaboração, que possibilita a assimilação da experiência vivida.

Trata-se da participação de outro nível da atividade psíquica, correspondente à "conação", de SILVEIRA (24).

Para se entender o papel funcional da conação, será preciso retomar alguns aspectos, já apresentados no tópico anterior, sobre a espontaneidade do comportamento.

Todos os estados de sensibilidade provocam, como se sabe, desde WALLON, modificações de tónus e de atitudes posturais (26). WALLON correlacionou este fenômeno aos estados afetivo-emocionais, na vertente subjetiva da atividade mental. Não se destacou suficientemente, entretanto, que esta solidariedade funcional, processo sinérgico por excelência, não se manifesta apenas nas irrupções emocionais agudas e intensas, mas em todos os atos comportamentais.

Esta sinergia espontânea, que traduz estados de sensibilidade em atitudes tônico-posturais, preparando e despertando a atividade motora, corresponde à conação. Todavia, o processo conativo manifesta-se também em nível cognitivo, sendo responsável pelo dinamismo da atenção. Apesar de consistir em regulação eferente, a conação pode modificar-se a partir da deliberação consciente, e neste caso participa do fenômeno complexo dos atos voluntários.

As funções conativas são, deste modo, responsáveis pelo desencadeamento, pela seletividade e pela estabilidade da ação explícita e do trabalho mental.

Usualmente, a linguagem psicológica refere-se à "psicomotricidade", quanto a este nível funcional, mas este termo evoca mais o resultado da praxia e dos movimentos intencionais do que a dinâmica de funções que não se confundem com a motricidade propriamente dita.

O processo perceptual envolve a conação em dois níveis: Na contração e articulação inconsciente das impressões sensoriais, e no dinamismo da atenção, espontânea ou voluntária.

Confirma-se, mais recentemente, em plano experimental, que o processo de formação das imagens mentais é claramente influenciado pelos estados afetivo-emocionais (10). Contudo, deve-se considerar que a repercussão afetiva provoca, ao mesmo tempo que os estímulos percebidos, o fluxo de imagens subjetivas relacionadas com a experiência pregressa, pela ativação da memória. Estas imagens mentais, subjetivas, são instantaneamente distinguidas daquelas que resultam da percepção primária. Isto somente acontece no estado de vigília, desde que a atenção esteja voltada para o mundo exterior.

Como conclusão deste tópico, pode-se acrescentar o seguinte:

1º. A percepção depende da vigília, que torna possível a discriminação seletiva dos estímulos sensoriais e a distinção entre as imagens primárias e as imagens subjetivas, evocadas espontaneamente;

2º. A percepção é um processo ativo de reconstituição dos dados percebidos, e não uma cópia reprodutiva, sendo fundamental a participação da atenção, nos processos de discriminação seletiva, através dos quais prevalecem traços pertinentes dos objetos exteriores;

3º. As noções que resultam do trabalho perceptivo dependem, simultaneamente, dos atributos objetivos apreendidos e dos aspectos subjetivos, evocados pela repercussão emocional e ativamente, pelo esforço voluntário. Estes dinamismos envolvem a memória.

A imagem primária não é propriamente elaborada, no sentido de um procedimento lógico, mas a sua produção solicita todos os processos cognitivos, que convergem no ato de perceber.

Quando ocorre a percepção, todo o trabalho mental está voltado para o exterior, e todas as funções orgânicas harmonizam-se nesta ligação com a objetividade. A vida vegetativa, a motricidade, todas as funções do organismo atuam sinergicamente, no esforço de perceber, salvo naquelas condições em que o impacto das situações e a perturbação dos estados afetivos rompem a solidariedade orgânica e a harmonia subjetiva, provocando distorções em nosso contato com a realidade.

A percepção é o processo que traduz a relação entre um sujeito e o seu meio ambiente, no sentido de tornar predominantes, para ele, os eventos exteriores. A observação dos fatos, que é o aspecto essencial deste contato, não se reveste de completa objetividade, e isto não é, sequer, necessário.

A apreensão dos fatos objetivos inclui os dados significativos relacionados com a experiência individual e, mais remotamente, filogenética.

O significado dos eventos percebidos remete diretamente para a relação entre o fenômeno intelectual e o afetivo, entendendo-se este último como a dinâmica relacionada ao conjunto das disposições que nos impelem à sobrevivência e à vida de relação. Isto coloca a percepção sob a influência da vida emocional, como tem assinalado a Profª. LÚCIA COELHO (7). Aliás, é com relação a este aspecto que a autora tem insistido no caráter multidisciplinar necessário ao desenvolvimento das ciências cognitivas, que permitiria recorrer a instrumentos tão diversos quanto as entrevistas, as provas psicológicas, como a de RORSCHACH, e a sofisticada maquinaria das neuro-imagens.

É neste sentido que a percepção humana não se pode reduzir ao processamento de programas, em acepção forte deste termo. Toda uma linha de investigações muito sofisticadas aconteceu em nosso século, desde os primórdios das ciências cognitivas, envolvendo a cibernética e a tentativa de simulação do processo perceptual.

Está nas raízes, mesmo, de um dos modelos do cognitivismo, a aspiração de investigar os processos neurais mediante modelos computacionais e, através deste paradigma, alcançar a explicação da atividade mental. Um dos pioneiros deste movimento foi McCULLOCH, que trouxe contribuição extraordinária às Neuro-ciências, em seus inícios (11).

Contudo, apesar da evidente importância destas investigações, seus pressupostos têm sido criticados por outros autores do movimento cognitivista (3) (13) (22), pois em seus extremos, a tentativa representou o ressurgimento do reducionismo físico, em bases ainda mais sutis do que à época de FREUD.

De fato, a simulação mais acabada dos processos mentais deveria considerar a transformação orgânica e funcional, que se verifica em sentido evolutivo; a auto-regulação; a suplência de distúrbios funcionais e a autonomia da conduta. Seria preciso simular também a capacidade de reconhecer a si próprio e de ter sentimentos. Ao reconhecer outros seres e acontecimentos, esta máquina iria estabelecer vínculos e relações interpessoais. Em suma, seria um organismo vivo e um ser humano.

I. 3. A CONSCIÊNCIA

O primeiro nível da consciência envolve a correspondência entre a imagem primária e as diversas circunstâncias exteriores, e se manifesta através do comportamento orientado.

Nossa espécie compartilha com outros animais deste comportamento adaptado às condições do meio, com o reconhecimento das situações atuais em função de experiências prévias.

A orientação imediata quanto ao meio pode implicar a seleção entre duas ou mais respostas comportamentais possíveis diante de situações novas, dentre as quais somente uma será a mais conveniente. A escolha de estratégias de ação diferentes, tendo em vista a consecução de um objetivo inédito, constitui a manifestação mais elementar de outro nível do processamento de imagens, o da elaboração propriamente dita.

É inegável que os animais possuem também a capacidade de assimilar novas situações e de modificar o seu comportamento de acordo com elas. Neste sentido, é lícito considerar a inteligência animal.

Aplicado à percepção, ou seja, na discriminação da imagem primária, este dinamismo traduz a mobilização do esforço indutivo e dedutivo, e representa a interação sistêmica entre dois níveis diversos da atividade intelectual (observação e elaboração).

Quando voltada para propósitos concretos, esta capacidade é o que se conhece como inteligência prática, em contraposição ao comportamento que resulta de hábitos ou automatismos.

No entanto, a elaboração não se dirige exclusivamente à imagem primária, realizando-se como dinamismo subjetivo que envolve outra modalidade de imagens. Segundo SILVEIRA, trata-se da imagem subjetiva, que é simultânea ao trabalho perceptual, durante a vigília (24).

As imagens subjetivas, que ocorrem na ausência de objeto exterior, foram estudadas mais recentemente através da instituição de métodos apropriados, em investigações sistemáticas (10). Entre elas e as imagens primárias, que traduzem o percepto, há outras diferenças relevantes além da presença ou ausência de objeto exterior.

As imagens subjetivas não são apenas vestígios da percepção primária. Menos vivas, claras e nítidas, referem-se a reminiscências da experiência passada, e os elementos “quase” sensoriais, tanto como os componentes de articulação intra-psíquica, que as caracterizam, demonstram a afinidade dinâmica entre os sistemas aferentes e eferentes do processamento neural. Entre os extremos do plano sensorial e as aferências motoras não há somente associações, que se reúnem para convergir nas respostas.

As imagens mentais são o resultado da elaboração cognitiva. Analogia e síntese (observação ativa); generalização e sistematização (elaboração indutiva e dedutiva), são processos que não operam com todos os elementos sensoriais, mas somente com determinados traços pertinentes e significativos. Estes traços são destacados por contração e redução ativas, a partir do processo primário da percepção.

Seus resultados complexos, apreendidos subjetivamente, recebem as denominações comuns de pensamento e imaginação.

É difícil conceber a percepção, o pensamento e a inteligência sem a participação da linguagem, tal a importância deste nível cognitivo em nossa atividade psíquica.

Todavia, como afirma VYGOTSKY, o pensamento e a linguagem têm raízes genéticas diferentes. As duas funções se desenvolvem através de percursos diversos, não havendo correlação definida e constante entre elas até que, em determinado momento evolutivo, o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional (25). O desenvolvimento da percepção evidencia também a complexidade crescente de aplicação do trabalho intelectual na assimilação das ocorrências objetivas.

Como destacou BRUNER, a partir de dados de pesquisas com crianças pequenas, comunicadas por GIBSON e OLUM, a percepção caracteriza-se inicialmente por ser muito subjetiva e submetida à influência da afetividade. O resultado da percepção evidencia o predomínio do pensamento concreto. A própria criança representa o centro de referência para o trabalho perceptual, e por isto a percepção assume feição egocêntrica e é estreitamente relacionada com a ação de que é capaz de realizar a própria criança. O empenho no esforço de percepção é inconstante e, enfim, esta se organiza segundo um número mínimo de chaves ou critérios, que somente a criança pode, mais facilmente, assinalar (3).

Estes dados não revelam anomalias ou déficit perceptual. Referem-se às características normais da percepção infantil. A dificuldade de mobilização da imagem primária, a imprecisão formal, o predomínio dos aspectos concretos, permeados de sincretismo, a referência egocêntrica, a atenção inconstante e a simplicidade relativa das imagens, não traduzem exclusivamente a incompletude da capacidade perceptiva, mas do conjunto das disposições psíquicas.

A observação dos fatos é, ainda, muito subjetiva, apreendendo apenas os aspectos concretos e imediatos da situação, e, mesmo assim, segundo uma lógica impregnada de afetividade. Esta, por sua vez, é predominantemente egocêntrica, a partir do segundo ano de vida. A inconstância e o esforço insuficiente de atenção perceptual, que se manifesta pela dificuldade de concentração - nas tarefas propostas, bem entendido - revelam o desenvolvimento insuficiente da conexão, que ainda não pode propiciar a seletividade e a estabilidade necessárias ao trabalho mental.

Os critérios de objetividade, entretanto, não se resumem aos dados empíricos, às características físicas das coisas existentes no mundo exterior, mas também incluem as seqüências pertinentes de imagens construídas objetivamente, que pertencem à realidade social.

Este é o caso, especialmente relevante, da realidade construída através da linguagem, como instituição social.

Ainda no século passado, COMTE assinalou o papel da linguagem, enquanto instituição social, na constituição da realidade e na regulação do comportamento individual, como veículo das influências culturais e políticas (8). Este aspecto foi considerado também por GEERTZ, que se liga à Antropologia Cognitiva (15). Este investigador entende que, se há programas inatos no

homem, relativos ao seu comportamento, somente podem ser “disposições” incompletas, que exigem, para seu fechamento, informações procedentes da cultura, veiculadas através da linguagem e do relacionamento interpessoal. O autor dá importância, assim como COMTE, às instituições sociais que orientam e regem a conduta humana.

Considerando os signos, em acepção genética, como o resultado de uma ligação habitual, voluntária ou involuntária, entre uma sensação e um movimento ou, mais especificamente, entre um estímulo objetivo e uma impressão subjetiva, COMTE segue a tradição de HOBBS, contribuindo para com a instituição das ciências da linguagem e dos signos.

Para o filósofo, a propriedade fundamental dos signos é a sua fixidez, que acarreta ligação persistente, mais ou menos duradoura, entre as imagens. O ser humano, segundo a teoria positivista, é capaz de instituir signos, mas a linguagem não foi o resultado de um empreendimento individual, e sim coletivo.

Tanto a percepção primária quanto a elaboração ativa de estratégias de ação configuram-se como processos fundamentais para o comportamento orientado. Entretanto, somente com o advento da linguagem, pode o ser humano encontrar um meio de categorizar suas próprias experiências, e de compartilhar a sua existência no mundo interpessoal.

Seus estados subjetivos, suas atitudes e intenções, situados através da linguagem, encontram, ao mesmo tempo, condições de restrição e de expansão. No primeiro caso, pelo fato de que a gama de manifestações subjetivas, a dinâmica de seus estados internos, precisou sujeitar-se às possibilidades lingüísticas disponíveis, peculiares às circunstâncias sócio-históricas de sua existência. Esta modalidade de construção, apesar do empobrecimento aparente acarretado, não deixa de ser uma via de socialização, já que representa uma força de coesão comunal.

Por outro lado, com a linguagem, surge a possibilidade de construir novos significados, e, portanto, de ultrapassar os limites de uma realidade determinada, numa expansão que alcança, através da escrita, dimensão temporal inusitada.

Os dois aspectos assumem importância na discussão do problema da consciência.

Na teoria semiótica contemporânea, o sinal (ou signo, em acepção genérica) é qualquer coisa que mantém uma relação de equivalência, de analogia ou de implicação com outra, para um intérprete, sob determinados aspectos ou capacidades. Esta definição, de PEIRCE (21), delimita os signos em seu aspecto mais geral, que é o de uma função de correspondência.

Porém, quando se estabelece a transmissão de informações através do processo de comunicação interpessoal, a mensagem não é somente veiculada de um transmissor para um receptor, mas significa algo para ambos, determinando modificações recíprocas no comportamento.

O significado, na teoria semiótica, é definido como um conjunto de signos que situa tudo aquilo que foi remetido através da expressão, em um mundo possível, independente de sua correspondência com a realidade concreta (12).

A significação, no plano da linguagem humana, depende de códigos arbitrários e convencionais, de origem sócio-histórica e cultural, e envolve um processo de interpretação.

Se, nas espécies sub-humanas, as imagens do mundo são contraídas em resposta a disposições endógenas, tornando-se indicativas dos aspectos relevantes para a sobrevivência, no mundo humano os significados orientam toda existência, revestindo-se de complexidade praticamente inexistente em outras espécies vivas.

A esfera dos significados, veiculada através da linguagem e da comunicação humanas, possibilita a categorização das experiências vividas pelo sujeito. Estas experiências abrangem aquelas em que o próprio indivíduo assume, gradualmente, as referências para a sua identificação, para o sentido de seus atos intencionais e para todas as manifestações relativas aos seus estados subjetivos.

Este domínio, de auto-referência e de implicação de si mesmo, como agente concreto e autônomo, não é menos dependente dos significados transmitidos pela cultura do que o espectro das manifestações objetivas, assimiladas através do contato intelectual com a realidade exterior. Como ressalta BRUNER, há ainda um terceiro domínio de eventos, no qual se verifica um amálgama de subjetividade e de objetividade. Neste, as noções adquiridas de sentido e de referência muitas vezes aplicam-se tanto a manifestações extrínsecas à própria autonomia do sujeito, quanto a seus estados subjetivos. O autor refere-se aos significados mágicos e míticos, assim como às diversas modalidades de reducionismo e de interpretações científicistas que caracterizam a cultura ocidental contemporânea (4).

Ainda que a construção simbólica possa despertar significados com relação a qualquer modalidade de imagens, é a partir do significado verbal que o ser humano pode compartilhar, com os seus semelhantes, de uma realidade consensual objetiva. Há na percepção, assim como na experiência subjetiva, um fundo vivenciado, não passível de representação precisa e definida. Mesmo quando se tenta traduzir este dado mediante categorias verbais,

o resultado reveste-se de polissemia, numa sucessão de interpretantes que somente pode ser delimitada quando submetida aos pressupostos de uma teoria qualquer.

Portanto, as representações mentais conscientes encontram a sua forma através da linguagem e da interpretação do sentido dos atos comportamentais. Isto se dá, também, com as expressões atribuídas aos processos inconscientes, em acepção freudiana. Com efeito, o sentido oculto dos atos humanos é inferido através da observação do próprio comportamento. O inconsciente emerge continuamente e revela-se na pluralidade dos significados de cada ação. É justamente esta significação multívoca que torna problemática a interpretação do comportamento humano. Não é possível submeter a complexidade da conduta ao crivo de uma semiótica estruturada como dicionário (12). Nas psicoterapias, tenta-se apreender, no conjunto das manifestações comportamentais, o sentido conflitivo, perturbador, que provoca a estagnação da existência. É este significado conflitivo que se tenta desfazer, não simplesmente pela decifração, mas pelo significado novo que se confere à interação do par analítico, sempre impregnada de emoção.

Com relação aos significados conscientes, restam ainda algumas considerações. Atuando como sistema retroativo, a consciência possibilita a auto-regulação de comportamento, em função dos efeitos recíprocos que se destacam no relacionamento interpessoal. Desta forma, não se pode incluir no fenômeno consciente apenas os dados racionais, puramente intelectivos, mas também devem ser considerados os sentimentos, a esfera dos valores, aos quais se pode ou não ser sensível. A gênese da consciência, sendo reconhecida como social, fruto do desenvolvimento humano coletivo e interpessoal, é simultânea à gênese dos sentimentos e dos valores.

Esse processo comum de objetivação do entendimento e dos afetos peculiares à nossa espécie, não foi, é evidente, uma realização pacífica. Mas isso não ocorreu somente pelo conflito entre a espontaneidade da vida e a racionalidade humana. Deveu-se também à pluralidade dos impulsos afetivos e à intensidade diferida com que estas forças biológicas se exprimem, na dimensão existencial de cada ser humano. Solicitando de modo diverso as disposições afetivas, despertando-as segundo a heterogeneidade de suas formações, a natureza social do ser humano é, simultaneamente, a fonte de seus conflitos e de sua possibilidade de superação. Esta possibilidade somente se concretiza por intermédio da autonomia e da consciência que, como propriedades emergentes, conferem o poder de escolha e de decisão.

Através da consciência, estabelece-se a ligação contínua entre a experiência passada e o futuro. A consciência do devir, do fluxo espontâneo do tempo, das transformações imprimidas por ele, nas existências humanas, são o germe de sua historicidade.

Por este motivo, a consciência não é apenas retroativa, mas prospectiva, inovadora, criadora de novas condições de vida.

Entretanto, abrindo as mentes para a objetividade da existência social, orientando o comportamento de acordo com as manifestações objetivas, a consciência estabelece também o confronto entre os desejos e sentimentos individuais e as interdições impostas pela realidade sócio-cultural.

Quanto maior for a correspondência entre as representações e as ocorrências objetivas, mais consciente será o comportamento. Isto se aplica também à aproximação entre os estados subjetivos e a sua significação, mediada pela linguagem.

Contudo, se deve predominar a objetividade na realização psíquica, isto não quer dizer - como já se referiu, no estudo da percepção - que a objetividade absoluta, a plena concordância entre as concepções e a realidade seja possível, e mesmo desejável. Um resíduo, por assim dizer, de sonho e devaneio, de idealização e de criação subjetivas, um condensado de imagens e de sentimentos indefinidos, subsiste em toda vida mental. Não somente como recordação vaga, nem como precipitado de conflitos disfarçados sob o véu das defesas contra a angústia - como investigou a psicanálise - mas, principalmente, como substância germinal das atitudes prospectivas, da capacidade humana de transformar a visão do mundo e o próprio mundo. A força e a originalidade da ação criadora são devidas sobretudo a essa mescla de atitudes inconscientes e de impulsos orgânicos.

O inconsciente tem interessado à clínica sempre que as suas manifestações tolhem o bem-estar, a harmonia e a espontaneidade. É compreensível que a Psicopatologia tenha se voltado para estas expressões defectivas, quando a dinâmica dos processos inconscientes deixa de ser a força propulsora dos atos mentais, impelindo à conduta compulsiva e inflexível dos estados mórbidos. Até mesmo quanto aos aspectos que mais se aproximam da normalidade, o estudo das manifestações inconscientes estabeleceu conexões com significados ocultos sempre conflitivos. Na resenha dos termos utilizados para a categorização das manifestações mentais atribuídas aos processos inconscientes, a quantidade daqueles que traduzem dinamismos conflitivos excede muito a dos que se considera livres de desgaste emocional, ou que exprimam forças espontâneas de integração.

A ênfase emprestada ao aspecto coercitivo das influências culturais, pela Psicanálise, em contraposição ao caráter necessariamente constitutivo do papel da cultura, na gênese do indivíduo humano, é um dos motivos para que isto tenha ocorrido. Mas não se há de negar que os dois aspectos relacionados à cultura são inerentes ao processo de socialização. A cultura é fundamental para a constituição do indivíduo humano, e não reúne somente aspectos repressivos.

A realidade das manifestações que se devem ao inconsciente, e que se abrem a múltiplos significados, é inegável.

Este núcleo dinâmico da vida psíquica constitui-se como trama de significados passíveis de interpretação. A Psicanálise o tem demonstrado, na clínica, ainda que mediante codificação muito especial, às vezes estranha aos não-iniciados.

Contudo, sendo a consciência uma propriedade emergente, que envolve a interação concreta de seres humanos, especialmente em nível social, não se pode prescindir da noção de sujeito, resultado da confluência de várias ordens de determinação, mas que tem por referente a singularidade concreta e relativamente imprevisível da existência individual.

Todo comportamento é também expressão, e os estados subjetivos podem ser acessíveis através da ação explícita, que inclui atos espontâneos e intencionais, com reciprocidade comunicativa. Toda ação humana é dotada de sentido e a exegese do comportamento continua a ser o objeto principal da Psicologia.

Para isto, entretanto, deve-se recorrer a fundamentos teóricos consolidados, que forneçam estratégias efetivas ao empreendimento terapêutico.

II. CONCLUSÕES

Tomando como referencial a teoria das imagens, desenvolvida por ANÍBAL SILVEIRA, foi examinado o processo psicológico da consciência.

Sua complexidade superior foi destacada, ao mencionar-se que os processos conscientes resultam de toda a atividade psíquica.

Intrinsecamente, consciência é cognição, porém, como manifestação individual, depende simultaneamente de processos orgânicos, em especial do cérebro, de fenômenos psicológicos e de formações sócio-históricas.

Níveis distintos de integração funcional, cerebrais e psíquicos, possibilitam o contato individual com o mundo exterior e com as manifestações objetivas.

A objetividade do entendimento humano relaciona-se com a captação, o processamento e a expressão dos fenômenos objetivos e subjetivos.

Neste sentido, a consciência mostra-se dependente das condições de vigília, atenção e memória.

Vigília e atenção representam operações psíquicas originariamente espontâneas, essenciais à percepção.

A percepção, por sua vez, foi caracterizada como processo ativo e seletivo, através do qual a heterogeneidade dos estímulos do meio ambiente é apreendida, mediante as funções de análise e de síntese.

Portanto, considerou-se que os dados da percepção resultam de relações determinadas entre os eventos externos e objetivos e as condições do organismo. Como a percepção é um processo cognitivo de um ser corpóreo em contato com a realidade empírica (material) do mundo, as condições orgânicas são fatores relevantes ao modo de perceber.

Por outro lado, revelam-se, através da percepção, outros níveis de processamento cognitivo, que não se ligam primariamente aos estímulos externos atuais.

Os resultados da captação, do processamento e da categorização das impressões sensoriais receberam a denominação comum de imagens.

Distinguiu-se, entretanto, três modalidades de imagem, denominadas respectivamente primárias, subjetivas e simbólicas.

Imagens primárias são o resultado da percepção. Abrangem componentes sensoriais ("sensações") e cognitivos ("noções"). O processo de formação da imagem primária inclui dois níveis simultâneos: A repercussão afetiva do processamento sensorial (componente acessório) e o resultado cognitivo consciente (componente principal).

Imagens subjetivas são o resultado da dinâmica da memória e da elaboração intelectual. Podem ser processadas de modo espontâneo ou ativo, a partir da reminiscência ou da aplicação do trabalho mental à própria percepção.

Finalmente, a possibilidade humana de instituir signos ou sinais, em acepção genérica, propicia a representação simbólica e a contração de significado.

Destacou-se, por conseguinte, a proeminência da linguagem, no fenômeno consciente.

A consciência realiza-se na construção social de significados e na possibilidade de comunicação interpessoal.

Os significados, mediados pela linguagem e outros sistemas de signos, situam todas as manifestações, objetivas e subjetivas, configurando-se como referência para o sujeito da noção de realidade.

Destarte, a consciência, em seu aspecto mais geral, traduz a correspondência entre as concepções individuais, sobre o mundo e sobre si mesmo, e a esfera da objetividade empírico-cultural.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AUDIFFRENT, GEORGES - DU CERVEAU ET DE L'INNERVATION. PARIS, DUNOD, 1869.
2. BERGSON, Henri - Matéria e Memória - Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito (1939). Trad. Silva, P.N.. São Paulo, Martins Fonte 1990
3. BRUNER, Jerome S. - Investigaciones sobre el desarrollo cognitivo (1986). Trad. Maldonado, A.. Madrid, Pablo del Rio, Ed. 1980
4. _____ - Actos de Significado - Más allá de la revolucion cognitiva (1990). Trad. Gómez Crespo, J.C./Linaza, J.. Madrid, Alianza, Ed. 1991
5. COELHO, Lucia M. S. - Epilepsia e Personalidade. São Paulo, Ática, 1980
6. _____ - Fundamentos Epistemológicos de uma Psicologia Positiva (1982). Trad. Rizkallah, Z. Y.. São Paulo, Ática, 1982
7. _____ - "Afinal o que é o Cognitivismo?" Imaginário - Revista do Núcleo de Estudo. Interdisciplinar do Imaginário "Ruy Coelho" (USP). 1: 41-72, 1993
8. COMTE - Systeme de Politique Positive (1851). Paris, Mathias, 1929; 4 Vol.
9. DAMÁSIO, António R. - O Erro de Descartes - Emoção, razão e o cérebro humano. (1994). Trad. Vicente, D e Segurado, G. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
10. DENIS, Michel - Las Imágenes Mentales (1979). Trad. Marichalar, I.. Madrid, Siglo Veintiuno Ed. 1984
11. DUPUY, Jean-Pierre - Nas Origens das Ciências Cognitivas (1994) Trad. Ferreira, R.L.. São Paulo, Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1996
12. ECO, Umberto - Semiótica e Filosofia da Linguagem (1984) .Trad. Fabris, M./Fiorin, J.L.. São Paulo, Ática, 1991
13. FODOR, Jerry A. - Psicosemántica - El problema del significado en la filosofia de la mente (1987). Trad. Gonzalez-Castán, O. L.. Madrid, Tecnos, 1994
14. GARDNER, Howard - La nueva ciencia de la mente - Historia de la revolución cognitiva (1985). Trad. Wolfson, L.. Buenos Aires/Barcelona/Mexico, Paidós, 1987

15. GEERTZ, Clifford - La interpretación de las culturas (1973) Trad. Bixio, A. L. Barcelona, Gedisa Ed. 1989
16. LAFFITTE, Pierre - Cours de Philosophie Première. Paris, E. Bouillon Éd. , 1889. 2 Vol.
17. LURIA, Alecsander R. - Cerebro y Lenguaje - La afasia traumática síndromes, exploraciones y tratamiento (1959) .Trad. Flaquer, L. Barcelona, Ed. Fontaneila, 1974
18. _____ - Curso de Psicologia Geral (n/c). Trad. Bezerra, P. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. IV Vol. Vol II: Sensações e Percepção.
19. _____ - El cerebro en acción (1974). Trad. Torres, M.- Barcelona, Ed. Fontanella, 1979
20. MERLEAU-PONTY, Maurice - Fenomenologia da percepção (1945). Trad. Di Piero, R.. Rio de Janeiro/São Paulo, Freitas Bastos, 1971
21. PEIRCE, Charles S. - El Hombre, Un Signo (E1 pragmatismo de Peirce) (1985). Trad. Vericat, J.. Barcelona, Ed. Crítica, 1988
22. SEARLE, John - Mente, Cérebro e Ciência (1984). Trad. Morão, A. Lisboa, Ed. 70, 1987
23. SILVEIRA, Aníbal - Memorial - Publicação pessoal do Autor, para fins acadêmicos. São Paulo, 1963. (Biblioteca do Hospital de Juqueri, Franco da Rocha.,SP)
24. "Psicologia Fisiológica" In KLINEBERG, Otto (org.) - Psicologia Moderna. Rio de Janeiro, Livr. Agir Ed.1953. (Public. revista e ampliada: Revista "Maternidade e Infância", Sao Paulo, 15 (1), 1966
25. VYGOTSKY, Lev S. - Pensamiento e Lenguaje (1934) Trad. Rotger, M.M. Buenos Aires, Ed. La Pleyade,1962.
26. WALLON, Henri - Los orígenes del carácter en el niño (1934) Trad. Arruñada, M.. Buenos Aires, Nueva Visión, 1975

TRAÇOS DE PERSONALIDADE DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE PSICOLOGIA ¹

Ana Maria T. Benevides Pereira
Universidade Estadual de Maringá - BRASIL

INTRODUÇÃO

Vários autores salientam a importância das características de personalidade do profissional em Psicologia (e Psiquiatria) para o bom exercício profissional, no entanto, pouco são os estudos a respeito.

ROE (1952) avaliando o TAT e o Método de Rorschach aplicado em grupos de Psicólogos e Antropólogos, concluiu que esses primeiros possuem maior fluência verbal que os Biólogos e Físicos, são mais introspectivos, com maior interesse nos relacionamentos interpessoais, na realidade subjetiva e consciência social, porém são mais reservados com as pessoas.

GALINSKI, apud HARRSCH (1983), encontrou resultados semelhantes comparando 20 graduados em Psicologia Clínica com 20 em Física. CATELL & DREYDAHL (1955) também, em uma amostra de Biólogos, Físicos e Psicólogos, usando o 16PF, além destas características verificou que os três grupos apresentavam "alto índice de inteligência, sensibilidade emocional e tendência à forma de pensamento radical e pouco convencional" (1983, p.179).

CANTÚ GARZA, apud HARRSCH (1983), relata que o padrão de personalidade dos Psicólogos se caracteriza pela onipotência, depressão e narcisismo.

FARINA & SOUZA, intrigados com o resultado de seu trabalho, efetuado para a seleção de um cargo para Psicólogo que estivesse formado pelo menos há três anos, utilizando-se da Técnica de Sacks, resolveram, adotando a mesma técnica, testar alunos do 1º ano de um curso de Psicologia.

Alegavam os autores que, apesar da experiência acumulada em seleção de profissionais de várias categorias, os resultados obtidos eram bastante

¹ Parte da tese de doutorado intitulada: Características de personalidade de profissionais da área de Psicologia: uma contribuição à seleção e/ou orientação a estudantes de Psicologia, financiada pela CAPES.

incomuns. Comparando o grupo de Psicólogos com o de estudantes, verificaram que:

“Os resultados mostraram diferenças significativas entre os dois grupos nas áreas de Relacionamento (Familiar, Profissional e Amistoso), Auto-confiança (Capacidade Profissional) e Estabelecimento de Metas. Iguais entre si e diferindo da normalidade, encontramos significativas diferenças nas áreas que informam sobre Temores e Culpas” (1988, p.164).

Os autores não especificam o significado dessas diferenças, o que seria extremamente interessante.

NAGELSCHMIDT (1994), empregando o teste de personalidade Myers-Briggs Type, baseado nos tipos psicológicos de Jung em 106 Psicólogos paulistas formados há mais de sete anos, verificou que estes se utilizam primordialmente da *sensação* como modo preferencial de recebimento de informações, denotando também apreensão da realidade em termos concretos e imediatos. Observou a autora que tanto os Psicólogos brasileiros como os americanos servem-se dos sentimentos como padrão de atuação.

MELTZOFF (1970) lamenta não haver suficientes pesquisas sobre a personalidade de profissionais que trabalham com saúde mental.

Alguns traços de personalidade são apresentados na literatura em geral, como características desejáveis para o profissional de saúde mental, mas em geral, estes são determinados empiricamente.

ROGERS (1957) arrola como desejáveis a capacidade do psicoterapeuta ser genuíno, empático e possuir aceitação incondicional de seu cliente.

Em considerando o mesmo objeto de estudo e o trabalho com psicoterapia, com Psiquiatras encontramos aspectos semelhantes

Segundo FRAYN no XII Relatório da ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1963), temos como desejável para os Psiquiatras: “calor no relacionamento interpessoal, sensibilidade, compreensão intuitiva das emoções junto à inteligência e grande flexibilidade de assimilação” (1968).

Para STRUPP et al. (1964), o Psiquiatra aparece como uma pessoa com interesse por problemas teóricos e abstratos, possui introspecção, introvertido, que se preocupa pelas implicações práticas das pesquisas; instáveis

emocionalmente; possui tolerância à ambigüidade, isto é, capacidade de suportar a agonia excessiva de situações ambíguas. Os bons Psiquiatras e psicoterapeutas se distinguem dos outros pela empatia, capacidade de estabelecer com os outros contatos profundos, autenticidade na maneira de ser, sendo eles mesmos naturais sem procurar “aparecer”. Revelam-se confiantes em si mesmos, com domínio dos afetos e pulsões, notadamente a agressividade. Denotam também flexibilidade face a si mesmos, diante dos outros e das regras sociais que se opõem a um tipo de personalidade rígida.

DONNAY-RICHELE em seleção a candidatos à Psiquiatria, através do Método de Rorschach e TAT, considerou como aceitos os que apresentaram os seguintes traços:

“ [...] bom controle afetivo e impulsivo, uma capacidade potencial de estabelecer relação profunda com outros (5 protocolos sobre 7 : FC²CF+C, 1 protocolo sobre 7 : sem resposta de cor).

As necessidades parecem bem integradas; há pelo menos uma grande sensação cinestésica em todos os protocolos; elas se exprimem de uma maneira satisfatória e não invadem a vida imaginária no caso de não serem aceitos, ou, em grande parte, assumidos.

No que se refere à relação com a imagem materna, a maioria dos sujeitos desse grupo experimentam uma ambivalência que implica um desejo de aproximação com a mãe e um comportamento que evita essa relação de dependência; esse comportamento de resguardo não é acompanhado de agressividade, [...] e assim uma relação heterossexual positiva parece possível.” (1972, p.351-352)

COMBS (1986), descrevendo de maneira geral as características que compõem bons conselheiros cita: capacidade de compreensão, vivaz cordialidade, revela que são sensíveis e empáticos, possuem confiança nas pessoas, revelam uma visão positiva do *self*, decidem momento a momento os objetivos e métodos a seguir, valorizam a autenticidade e a capacidade em se preocupar pelas pessoas.

OBJETIVOS

Como podemos notar, poucas são as investigações efetuadas e nem sempre abordando os mesmos aspectos. Assim sendo, deparamo-nos com uma questão: quais seriam as características de personalidade que poderiam propiciar uma melhor formação profissional em saúde mental? Ou em outras palavras: quais as características de personalidade dos Psicólogos considerados bons profissionais?

METODOLOGIA

Aferir as características de personalidade de Psicólogos bem sucedidos em sua profissão e considerados bons profissionais seria o ideal, porém, critérios para apurarmos essas características, esbarram, na maioria das vezes, na subjetividade. No entanto, ao considerarmos a recessão econômica e as profundas crises que nosso país vem sofrendo nos últimos anos, dificilmente um profissional conseguiria sobreviver do seu trabalho por um tempo razoável, caso não apresentasse qualidades profissionais suficientes para tanto. Assim sendo, estipulamos o critério de tempo de exercício profissional, aliado ao fato de ser a Psicologia a principal fonte de renda das pessoas que compuseram a amostra, como um indicativo de sucesso nesta profissão.

Todos os profissionais da amostra foram indicados por outros Psicólogos e considerados por esses como competentes, bons em sua área.

Dos 30 profissionais contactados, apenas 15 se dispuseram a participar, ficando a amostra constituída por 12 sujeitos do sexo feminino e 3 do masculino, com idade média de 37 anos, entre 10 a 15 anos de formados em Psicologia. Destes, 5 eram da área do trabalho, 5 da área clínica e os outros 5 da escolar. Alguns da área clínica também trabalhavam na de escolar, porém dedicando-se menos a esta e vice-versa.

Foi efetuada uma entrevista padronizada e aplicado o Método de Rorschach individualmente a cada integrante da amostra.

O Método de Rorschach foi aplicado e avaliado segundo terminologia e critério de A. Silveira (1964) e a cada uma das respostas foi classificada pela autora e por mais duas especialistas do método¹.

Após os cálculos de cada um dos protocolos, foram utilizados os seguintes testes estatísticos a um nível de significância de 5%:

¹ Sheyla Regina Camargo Martins e Hilda Clotilde Morana.

1. Cálculo de média, variância e desvio-padrão de cada um dos índices do Rorschach,

2. Teste de comparação de variância entre as amostras, para cada índice, usando F de Snedecor:

3. Teste de comparação das médias entre as amostras, usando-se *T* de Student.

4. Prova de adaptação para o estudo dos dinamismos dos índices usando-se o qui-quadrado com correção de Yates para pequenas amostras.



RESULTADOS

Na Tabela 1 podemos observar a comparação das variâncias e médias do Grupo de Psicólogos com as obtidas por Silveira e, a seguir a sùmula do protocolo médio do grupo.

Tabela 1

Comparação das Médias do Grupo de Psicólogos com as de Silveira							
Índice	F de Snedecor	Gl de F	T de Student	Gl de T de Student	Aproximação	T da Tabela	Médias de B : Silveira
R	2,17	1,75	1,3562	18,921	19,0	2,09	=
%F	1,44	1,75	-2,6459	119	120,0	1,98	≠
%F+	7,110	1,75	-5,4239	14,595	15,0	2,13	≠
%V	5,27	1,75	-1,7493	14,806	15,0	2,13	=
%A	3,87	1,75	4,2245	15,104	15,0	2,13	≠
Rmi	1,67	1,75	-1,3479	9,492	9,0	2,26	=
Af	7,390	1,75	3,3008	14,573	15,0	2,13	≠
Imp	3,160	1,75	2,2797	14,142	14,0	2,14	≠
Con	23,62	1,75	-8,1928	16,645	17,0	2,11	≠
Pranchas Monocromáticas							
%F	2,440	1,75	0,7245	15,764	16,0	2,12	=
%F+	9,410	1,75	-2,7915	14,449	14,0	2,14	≠
%V	19,360	1,75	1,6842	14,217	14,0	2,14	=
%A	14,720	1,75	1,6773	14,286	14,0	2,14	=
Rmi	5,180	1,75	0,3357	14,820	15,0	2,13	=
Con	48,050	1,75	-1,2672	14,087	14,0	2,14	=
Pranchas Coloridas							
%F	2,820	1,75	-6,6419	15,518	16,0	2,12	≠
%F+	11,950	1,75	-5,1568	14,353	14,0	2,14	≠
%V	4,150	1,75	-4,7765	15,028	15,0	2,13	≠
%A	6,610	1,75	-0,8570	14,641	15,0	2,13	=
Rmi	72,05	2,18	-22,0423	111,423	120,0	1,98	≠
Con	23,6194	1,75	-6,3542	8,102	8,0	2,31	≠

Súmula 1

SÚMULA DO PROTOCOLO MÉDIO¹				
Grupo Psicólogos - n=15				
I - Tipo de Trabalho Mental				
R = 54,8 (n)	%F = 51,06* (↓)	T/R = 25,21 (n)	Qualidade G: +	
G = (↓)	%F+ = 68,59* (↓)	Elab/R = 1,02	Qualidade P:-	
P = (n)	%F- = 31,35 (↑)	Perc: (G) P E	Qualidade p: variável	
p = variável	%V = 22,73			
E = variável	%A = 37,19(↑↓)	%H = 19,53 (n)	Rm = 47,65 (↓)	
Mecanismos Inusuais: vários, mas nenhum com mais de 50%				
II - Feitio de Personalidade				
M ≤ m+m'	Ps>ps+ps'	L ≤ l+l'	FC > CF+C	G < R
M ≤ m > m'	Ps > ps > ps'	L ≤ l > l'	FC > CF > C	G > M
		L+C' > l+l'		M ≤ Ps
Qualidade M+	Qualidade m+		Tipo de M: ext.	Tipo de m: ext.
Af = 1,94* (↑)	Imp = 0,51*	Con = 19,63* (↓)	λ = 1,04 (↑)	
Ps+M:L+C = tend. intelectual		Eq = extraversivo		
m+m':l+l'+C' = tend. afetiva		Eq' = extraversivo		
Série Harrower: R _ M () m (x) FC _ %F (x) %A _ %an _ chC _ chL _ In				
Série Piotrowski: R _ T _ M (x) nC _ %F+ (X) Aut _ Lib _ Ppl _ Rpt _ %V (X)				
III - Conteúdo				
A:pA = A > pA		H:pH = variável		
MONOCROMÁTICAS			COLORIDAS	
T/R = 30,38 (n)			T/R = 22,38 (n)	
Elab/R = 0,99	%F+ = 76,29*		Elab/R = 1,07	%F+ = 64,32* (↓)
%F = 66,62	%V = 34,69		%F = 40,86* (↓)	%V = 16,60 *(↓)
Perc:(P)	%A = 43,36		Perc: (G) P	%A = 34,54
Rmi = 51,55			Rmi = 38,48* (↓)	
Con = 43,35			Con = 5,88* (↓)	
λ = 0,49 (↓)	%F- = 23,71		λ = 1,71 (↑)	%F- = 35,68 (↑)

¹ Valores médios do grupo, sendo que entre parênteses temos expressa a tendência estatisticamente significativa.

* Média significativamente diferente da de Silveira.

Interpretação Geral da Súmula do Protocolo do Método de Rorschach de um Grupo de Psicólogos

Frente à súmula do protocolo médio do Grupo de Psicólogos, notamos alto número de respostas, apesar de ainda dentro da média esperada, mas nos seus limites superiores (R de 54,8), denotando riqueza associativa, tendo essa ocorrido dentro em um período de tempo normal (T/R).

Houve poucas respostas globais, indicando dificuldade em abranger a situação de maneira ampla, com predomínio da inteligência concreta sobre a abstrata (P). Entretanto, como a qualidade negativa das respostas P foram estatisticamente significantes, o predomínio das observações das características óbvias, evidentes, se dão mais no sentido de sustentação do juízo de realidade, na medida em que a subjetividade é sentida como preponderante. O raciocínio analítico, que se caracterizaria pela presença da modalidade p no índice $Perc$, não foi significativo no grupo. Encontramos respostas de espaço em todos os componentes do grupo, evidenciando a tendência a examinar o outro lado dos acontecimentos e circunstâncias, que juntamente com o número reduzido de respostas vulgares (pranchas coloridas) denotaria serem esses indivíduos pouco convencionais, em especial quando sob o impacto de forte apelo afetivo.

Por vezes, revelaram pouco interesse pela realidade externa, principalmente em situações de maior envolvimento afetivo ($\%F$, no total e nas lâminas coloridas) sendo que, nas ocasiões em que dirigiam a atenção para o ambiente, a apreensão-se dava de modo particular, subjetiva, carecendo de concentração ($\%F+$) bem como de entendimento e aceitação das relações lógicas, implicadas do consenso grupal ($\%V$). Assim sendo, apesar de preservada a ligação emocional pelo meio ($\%A$), esses indivíduos denotaram precária adaptação intelectual para com a realidade (Rmi). Novamente estas características se evidenciavam mais quando em circunstâncias predominantemente afetivas.

Ao utilizar-se em demasia de seu potencial interno, este grupo ou não consegue manter orientação e estabilidade em suas atividades, tornando-as pouco eficazes, ou paralisa-se diante das inúmeras possibilidades suscitadas por seus recursos (índices: *Con rebaixado com Lambda elevado*). Na medida em que o apelo pela utilização de seu potencial diminui, também a atividade - tanto mental como manifesta - torna-se um pouco mais constante (*Con e Lambda das pranchas monocromáticas*).

A inteligência intrínseca mostrou-se mais voltada para fantasias ($M < m + m'$), expressando imaturidade emocional, carência de sistema de valores próprios, auto-afirmação e auto-conhecimento insuficientes, reações intelectuais mais calcadas em concepções de valor do que de realidade. No entanto revelaram tendência à assertividade, tanto a nível manifesto como latente (*Tipo extensor em M e m*).

As respostas globais, apesar de pouco numerosas, ainda assim apareceram proporcionalmente em maior número que as de movimento humano, indicando ambição cognitiva.

Quanto à esfera intelectual extrínseca (*RPs*), estes examinandos demonstraram interesse em se orientar situacionalmente frente às demais pessoas, examinando sua posição e utilizando de sua cognição na solução de conflitos. No entanto, como na relação para *M:Ps* predominou significativamente as respostas *Ps* sobre as *Ms*, essa comparação com os demais não se dá de forma satisfatória por carência de auto-identificação mais consciente e diferenciada.

Em relação ao setor afetivo, o índice *Af* foi estatisticamente elevado (com valores de até 3,91 para média estipulada por Silveira de 1,1 a 1,3), assim como o índice *Imp* (com valores de até 1,15 quando a média de Silveira se situa entre 0,28 a 0,38), traduzindo extrema sensibilidade desses probandos à estimulação afetiva proveniente do meio, notadamente às que os tocam a nível mais individual. Contudo as reações manifestadas tendem a ser congruentes com as estimulações provenientes do meio, subordinando seus afetos aos imperativos das situações ($FC > CF + C$).

A dinâmica emocional é baseada em sensações mais primárias e difusas ($L < l + l'$), muitas vezes surgindo secundariamente no contato com a realidade e em menor grau nas expressões intelectuais ou afetivas (*RL como determinante adicional*). Desta feita, a utilização de experiências passadas vem ao auxílio para preveni-los em situações semelhantes, revelando o emprego do raciocínio indutivo nesse processo emocional (*C'*).

Verificando o *Equilíbrio das forças subjetivas* (Eq e Eq'), tanto a nível manifesto como latente, prevaleceu a propensão à extroversão. Quando comparamos as reações cognitivas às afetivo-emocionais, a nível manifesto encontramos predomínio das primeiras ($Ps + M > L + C$), porém a nível latente, notamos que estes probandos reagiam preponderantemente através de reações afetivo-emocionais ($m + m' < l + l' + C'$).

As respostas de conteúdo humano, que em geral se apresentam elevadas em estudos com estudantes de Psicologia (CAMARGO, 1979; DIAS et al. 1989/90; DONNAY-RICHELLE & TIMSIT, 1974) e Psicólogos (ROE, 1952), revelaram média semelhante à da população em geral, próxima ao limite superior ($%H=19,53$). A relação de $H: pH$ não apresentou nenhuma inclinação significativa.

A série psicógena de Harrower como a lesional de Piotrowski não foram estatisticamente significativas.

Como nas pesquisas de GALINSKI, apud HARRSCH (1983) e NAGELSCHMIDT (1994) os profissionais da nossa amostra denotaram elevada sensibilidade afetiva, assim como instabilidade emocional conforme observada por STRUPP (1964). No entanto a reação afetiva se revelou de forma adequada, como sugere DONNAY-RICHELLE et al. (1972).

O grupo de Psicólogos denotou orientar-se predominantemente pelos sentimentos e se utilizarem substancialmente da inteligência concreta na apreensão da realidade, como já salientara NAGELSCHMIDT (1994), porém não demonstrou ser introspectivo e introvertido como afirmam alguns autores (ROE, 1952; STRUPP, 1964).

Não encontramos diferenças significativas entre os profissionais das diferentes áreas (clínica, escolar e trabalho).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBS, A.W. What makes a good helper? **Person Centered Review**, v.1, n.1, p.51-61, 1986.
- DIAS, M.C. de S.B.; COUTINHO, M. da P. de L. & DIAS, M.R. Caracterização de alunas de engenharia e psicologia através do Rorschach. **Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo**, v.7, n.1/2, p.77-84, 1989/1990.
- DONNAY-RICHILLE, J.; TIMSIT, M.; & DONGIER, M. Étude des motivations du choix vocationnel en psychiatrie. **Acta Psychiat.Belg.**, n.72, p.345-365, 1972.
- DONNAY-RICHILLE, L. & TIMSIT, M. Approche de la personnalité des psychiatres e psychologues et motivations de leur choix vocationnel. **Bull.Soc.Frac.du Rorschach et de Meth.Proj.**, v.28, p.7-15, 1974.
- FARINA, A.A.S. & SOUZA, I. Algumas considerações sobre o psiquismo, de estudantes de psicologia e psicólogos, observados através da técnica de Sacks. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 18; Ribeirão Preto, 1988. **Programas e Resumos**. Ribeirão Preto, Legis Summa, 1988. p.164.
- FRAYN, N.D. A relationship between rated ability and personality traits in psychotherapists. **American Journal of Psychiatry**, v.9, p.1232-1237, 1968.
- NAGELSCHMIDT, A.M.P.C. **Personalidade de psicólogos**. 1994. (Pesquisa não publicada).
- ROE, A. Analysis of group Rorschach of psychologists and anthropologists. **Journal of Projective Techniques**, v.16, p.212-224, 1952.
- ROGERS, C. The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. **Journal of Consulting Psychology**, v.21, p.95-103, 1957.
- SILVEIRA, A. **Prova de Rorschach**. Elaboração do psicograma. São Paulo, Edibras, 1964.

NOTICIÁRIO

- Tomou posse, na ACADEMIA PAULISTA DE PSICOLOGIA, a Prof^ª MARIA HELENA C. DE FIGUEIREDO STEINER, em 20 de Outubro de 1992, ocupando a Cadeira nº 17, cujo Patrono é Jean Mogüé. Sua antecessora, na honrosa distinção, foi Annita Castilho de Marcondes Cabral. Orgulhamo-nos de contar com a Prof^ª Maria Helena como uma de nossas associadas mais ativas e participantes. Na Sociedade Rorschach de São Paulo, a ilustre acadêmica ocupou a presidência no período de 1985 a 1988

- MARIA CRISTINA B. MACIEL PELLINI, nossa professora do 1º ano do curso de especialização em Rorschach, ingressou no CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA-06, eleita como membro da Diretoria, para a gestão 1995-1998.

- ROBERTO FAZZANI NETO, professor do curso de especialização em Rorschach, promovido por nossa Sociedade no Núcleo de Estudos de Rorschach de Campo Grande, MS, obteve o grau de Mestre em Psicologia, na área de concentração de Psicologia Social, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, na data de 18 de Agosto de 1994, com a tese intitulada: "Comportamento violento: aspectos teóricos. Análise da apreensão e representação de imagens em protocolos de Rorschach de examinandos violentos." Sua orientadora foi a Prof^ª Dra. Anna Mathilde Pacheco Chaves Nagelschmidt.

- ANA MARIA T. BENEVIDES PEREIRA, professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e pertencente ao quadro de sócios desta Sociedade, recebeu o título de Doutora em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 05 de maio de 1995, com a tese intitulada "Características de Personalidade de Profissionais da Área de Psicologia: contribuições à seleção e/ou orientação de estudantes de Psicologia. Foi seu orientado o Prof. Dr. Adail Victorino Castilho e, esteve presente na banca examinadora a Prof. Dra. Maria Helena de Figueiredo Steiner membro desta Sociedade.

- VANDA CIANGA RAMIRO, professora da Universidade São Marcos, disciplina de Rorschach; professora do Curso de Especialização em Rorschach da Sociedade Rorschach de São Paulo, obteve o grau de mestre em Psicologia, na área de concentração de Psicologia do Desenvolvimento, na Universidade São Marcos, na data de 22 de Abril de 1997, com a dissertação intitulada: "O Brincar da Criança Cega: um estudo psicológico sobre a atividade lúdica de crianças deficientes visuais", sob orientação do prof. Dr. Arnaldo Antonio Penazzo.

- A UNIVERSIDADE SÃO MARCOS E A SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO, juntas realizaram o I Simpósio de Rorschach e Outras Técnicas Projetivas, nos dias 29-30 de Setembro e 01 de Outubro de 1995 nas dependências da Universidade São Marcos. O evento foi uma feliz oportunidade para a informação, o aprendizado e para a troca de experiências profissionais.

- Foi publicado o livro "TESTE ZULLIGER- Aplicação e Avaliação", de nossa associada ANA MARIA LIMA DE FREITAS (São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996). A publicação destina-se a divulgar a técnica de Hans Zulliger, na investigação da personalidade e na seleção de pessoal, campos aos quais se dedica a autora. O livro contém um estudo estatístico realizado com amostra de 381 protocolos. Pela primeira vez é fornecida uma tabela para avaliação deste instrumento, validada para uma população brasileira.

Homenagem a VERONIS ALBERTONI

- Com imenso pesar, vivenciamos a perda da amiga Veronis Albertoni, lamentavelmente ocorrida em 13 de Abril de 1996. Veronis Albertoni, após sua especialização na Prova de Rorschach, participou de muitas atividades de nossa Sociedade, como associada, professora e membro da Diretoria, nos anos de 1991 e 1993. Deixa-nos sua imagem de carinhosa solicitude e a recordação de seu envolvimento intenso em todos os nossos projetos.

- Em recente "mutirão" que realizamos na sede da Sociedade Rorschach de São Paulo, defrontamo-nos com alguns documentos valiosos, que trazem informações relevantes para a história de nossa Sociedade:

REMEMORANDO...

- Em 1966 a Sociedade Rorschach de São Paulo, realizou as "PRIMEIRAS JORNADAS BRASILEIRAS DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH em São Paulo de 11 a 14 de Outubro de 1966. Na data de 14 de Outubro, neste evento, foi fundada a SOCIEDADE LATINO-AMERICANA DE RORSCHACH.

MORGENTHALER E O MOVIMENTO RORSCHACH NO BRASIL

- Walter Morgenthaler liga-se ao Movimento Brasileiro de Rorschach através do Professor Aníbal Silveira.

- Em agosto de 1963, a propósito dos artigos dedicados a ele, por ocasião de seu 80º aniversário, na sessão em sua homenagem realizada pela nossa Sociedade em 03-05-1962, Walter Morgenthaler assim se expressa, na correspondência enviada a Anibal Silveira:

“(...) Agradeço-lhe de coração! Foi uma grande surpresa, que me alegrou no mais alto grau e sempre me alegra. Fiz logo traduzir o trabalho de aniversário e o li, naturalmente com grande interesse...” Agora, quanto ao trabalho “Método de Rorschach”, o Sr. o dedicou a mim, e que também me alegra e pelo que de novo lhe agradeço. Sobretudo, fiquei impressionado pelo aspecto multilateral e pelo modo de sistematização. O Sr. me parece ser, também francamente poliglota. Acho que o trabalho merece ser traduzido para o alemão e publicado em Rorschachiana. Naturalmente, porém, se o Sr., mesmo concordar com isso. Como já faz tempo que não sou editor da Rorschachiana, devo falar sobre isso com os Professores Meili e Friedmann e lhe comunicar. (...)”